

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Diretor Paulo Moreira /// ano XXXIV /// Maio de 2019 /// publicação mensal /// Gratuito

Cooperação para criar novas políticas sociais

15

Reunidas em Macau, nos dias 13 e 14 de maio, Misericórdias de diversos países do mundo afirmaram o seu papel de parceiros ativos na colaboração com os Estados no que respeita a políticas de saúde, educação,

património, habitação e proteção social na colaboração com os Estados. A afirmação integra um conjunto de princípios que deverão orientar a atividade dessas instituições nos próximos anos. Através da Declaração

de Macau, as cerca de 3000 Santas Casas representadas no 12º congresso internacional reforçaram também o seu papel no diálogo e cooperação com os Estados no desenvolvimento de novas gerações de po-

líticas sociais que viabilizem sociedades mais coesas e mais inclusivas. O encontro decorreu pela primeira vez em território asiático e integrou as comemorações dos 450 anos da Misericórdia de Macau.



02 PALHAÇAS

Improvisação para dar mais cor aos dias

Na terceira edição do Festival Internacional de Palhaças, quatro Misericórdias receberam a visitas muito especiais.

04 PÓVOA DE LANHOSO

Convívio fortalece espírito de equipa

O convívio entre colaboradores e órgãos sociais integra o plano de ação da Santa Casa e reforça espírito de equipa.

08 CASCAIS

Festejar a vida com a comunidade

A Misericórdia de Cascais esteve em festa no centro da vila. O objetivo era mostrar a instituição à comunidade.

32 FÁTIMA

Dar apoio aos peregrinos da fé

O apoio das Misericórdias aos peregrinos do Santuário de Fátima concretiza a sexta obra de misericórdia corporal.

Improvisação para dar cor aos dias

Na terceira edição do Festival Internacional de Palhaças, quatro Misericórdias receberam a visita de quem faz do riso a sua vida

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Alto Alentejo Na terceira edição do Bolina – Festival Internacional de Palhaças, os utentes das estruturas residenciais para idosos (ERPI) de quatro Misericórdias do Alto Alentejo receberam a visita de dezenas de profissionais que fazem do riso a sua vida. De 4 a 11 de maio, a cidade de Portalegre e localidades nas imediações foram palco e ponto de encontro de artistas vindas de todo o mundo (Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Itália, França, Canadá, Polónia, Portugal).

Durante o festival, o propósito das palhaças é apenas um: dar cor aos dias das crianças, jovens e idosos com que se cruzam nas escolas, hospitais e lares de idosos. Para concretizar esse objetivo, cumprem escrupulosamente o mesmo ritual: “vestem-se com roupa nova, calçam suspeitos sapatos, maquilham-se, colocam chapéus, óculos de ver tudo e nada, flores na lapela, levam malas divertidas, escondem segredos nos bolsos e saem para a rua”, escrevem na página oficial da organização.

De início, os idosos recebem os rostos que não conhecem com estranheza. Mas gradualmente, as artistas conquistam a atenção do público sénior com brincadeiras, improvisações com recurso a adereços (cornetas, arcos, bolas de malabarismo etc.) e gestos de carinho.

Este ano, a festa durou três dias para os utentes da ERPI de Castelo de Vide, com convites para assistir a duas peças de teatro, no cineteatro e antigas termas da vila, e uma visita surpresa das palhaças. O animador sociocultural, Nuno Maniés, que tem acompanhado os utentes nesta aventura, contou ao VM que a interação é tão “benéfica” que todos os anos os utentes pedem o regresso das palhaças. “De início, ficavam de pé atrás, mas depois começaram a interagir e a pedir que regressassem. Tem sido muito bonito porque ficam todos contentes e sorridentes”.

Na vizinha vila de Marvão, a diretora técnica do lar de idosos, Filipa Tavares, surpreendeu-se com a reação dos utentes. “Achei que iam estranhar, mas correu tudo muito bem, divertiram-se imenso, mesmo os dependentes e acamados. Houve sorrisos e alegria por todo o lado”.

A improvisação está na base da interação entre todos. Assumindo diferentes personagens, as intérpretes invadem os espaços comuns das ERPI e quebram as rotinas diárias, fingindo servir chá, largando bolas de sabão e gargalhadas pelo ar. Outros interrompem o almoço para saudar os presentes, espalhar sorrisos e apresentar mascotes que trazem debaixo do braço.



Não sendo um espetáculo premeditado, os espetadores reagem de forma inesperada, como nos relata a psicomotricista da Misericórdia de Portalegre, Cristina Sabino. “Alguns gostam respondendo às piadas, outros ficam mais passivos, mas de modo geral, todos gostam e interagem. É interessante trazer pessoas de fora à instituição e abordar a terapia pelo riso”.

Em Montargil, a abordagem, orientada pela

atriz, palhaça e contadora de histórias brasileira Martha Pavia, foi diferente. A oficina artística desenrolou-se num círculo e consistiu, segundo nota da organização, num “primeiro contacto com a linguagem da palhaçaria” através de conversas, jogos e movimentos que permitiram explorar os princípios fundamentais dessa linguagem. Alguns dias depois da realização da atividade, a animadora sociocultural do lar de

idosos, Maria Alexandra Costa faz um balanço “muito positivo” desta interação que permitiu estimular a comunicação e gerar “grande empatia entre todos os participantes”.

Criado em 2015 nos Açores, o Bolina é um festival de cariz artístico, social e comunitário que visa a transformação social, a promoção da igualdade de género e a justa visibilidade do trabalho artístico. **VM**

Estandartes estão a ser restaurados

Ericeira A Misericórdia da Ericeira conclui, nos próximos meses, as intervenções de restauro dos pendões guardados no museu, no âmbito de uma campanha de beneficiação, conservação e restauro da igreja, financiada pelo Fundo Rainha Dona Leonor (FRDL). A empreitada iniciada em 2016, com verbas angariadas em concertos de verão e outras iniciativas, vai ser concluída no final do verão de 2019, com o apoio do fundo criado pela Misericórdia de Lisboa e União das Misericórdias.

A coleção alvo de restauro é constituída por oito estandartes processionais, representando a Paixão de Cristo, duas telas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a bandeira régia da Misericórdia da Ericeira. Segundo o provedor João Henriques Gil, que tem acompanhado de perto o trabalho desenvolvido pela conservadora Madalena Mendes de Almeida, as “telas estão a ficar magníficas e vão ser expostas como peças de museu no coro-alto da igreja”.

A última vez que as telas saíram à rua em procissão, nas celebrações da Semana Santa, foi na década de 1950, possivelmente na quinta-feira de Endoenças. De futuro, para evitar que sejam novamente alvo de desgaste, o provedor adianta que serão produzidas “reproduções de qualidade” para utilizar nestes momentos solenes da vida da instituição.

Desconhece-se, para já, a autoria das bandeiras e pendões da Misericórdia da Ericeira. Sabe-se que datam “quase todas” do século XVIII e que foram alvo de restauro em 1937, graças a uma descoberta recente, no decorrer dos trabalhos. “Apareceu um papelinho dentro de uma das obras”, revela João Henriques Gil.

O provedor e a restante mesa administrativa já contam os dias para a inauguração da igreja recuperada, prevista para os meses de setembro ou outubro, para poder apreciar o esplendor original do património da instituição. As comemorações desse momento alto na história da instituição vão ser assinalados com a publicação de um livro sobre o restauro das obras, acompanhado de uma retrospectiva histórica dos últimos três séculos, e com uma conferência proferida pelo historiador de arte Vítor Serrão. 

TEXTO ANA CARGALEIRO DE FREITAS

Marco de Canaveses Distinção pelo trabalho com idosos

A Misericórdia de Marco de Canaveses foi uma das 17 entidades distinguidas na edição de 2019 do Prémio Fidelidade Comunidade. Num universo de 511 candidaturas, a Santa Casa arrecadou a distinção na categoria envelhecimento. Ao todo, a Fidelidade disponibiliza 500 mil euros para as candidaturas vencedoras. O prémio também distinguiu projetos de saúde e deficiência ou incapacidade.



Arez Caminhada solidária reúne a comunidade

A Santa Casa da Misericórdia de Arez promoveu uma caminhada solidária no passado dia 11 de maio. Os participantes tiveram oportunidade de passear pelos campos da localidade, já coloridos por causa da primavera, e também de conhecer alguns edifícios emblemáticos da terra, como a capela de Santo António. Houve ainda tempo para uma passagem pela futura sede da Misericórdia, ainda em fase de construção. Depois da caminhada, os participantes degustaram um almoço composto por diversas iguarias da região.

Tavira Parceria para potenciar turismo local

A Misericórdia de Tavira e a empresa Artgilão, iniciativa das paróquias do concelho, lançaram no início de maio dois cartões para facilitar a visita dos turistas às mais importantes igrejas da cidade. Além da visita aos monumentos, os cartões também dão acesso a exposições temporárias. Os cartões estão disponíveis desde o dia 2 de maio e podem ser comprados na Igreja de Santa Maria e na Igreja da Misericórdia de Tavira.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS



Foram nove as Misericórdias que participaram na sétima edição das Olimpíadas Seniores, organizadas pela CEDIARA (Associação Solidariedade Social de Ribeira de Fráguas). Foram elas: Alvaiázere, Espinho, Figueira de Castelo Rodrigo, Gondomar, Lousã, Marco de Canaveses, Meda, Penafiel e Seia.

25

A Santa Casa da Misericórdia de Paris está a celebrar 25 anos de existência em 2019. As comemorações vão decorrer no próximo dia 16 de junho.

520

A Santa Casa da Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana celebrou o 520º aniversário, a 24 de maio, com missa presidida pelo bispo auxiliar de Lisboa.



PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

Um segredo bem guardado

Há mais de 500 anos fundou-se a primeira Misericórdia portuguesa, por iniciativa da Rainha Dona Leonor, tendo como referência as Misericórdias existentes em Itália, mormente a de Florença. Numa época de comunicações lentas e difíceis e com conhecimento muito relativo do globo terrestre, fomos replicando esta ideia de solidariedade fraterna no território nacional e nos territórios que fomos descobrindo e onde nos instalámos.

Assim criámos uma verdadeira rede presente em quase todo o planeta e que, apesar das vicissitudes e da voragem do tempo, resistiu, evoluiu e chegou pujante e interventiva até aos nossos dias.

O melhor e mais recente exemplo disso foi o 12º congresso internacional das Misericórdias, realizado em Macau, onde marcaram presença Santas Casas dos quatro cantos do mundo.

A sua identidade, o apreço e a defesa intransigente da sua autonomia e a profunda e umbilical ligação às comunidades de que emanam são seguramente fatores decisivos para percebermos a sua longevidade e a vitalidade que hoje todos lhe reconhecem.

Se tivermos em conta as profundas alterações sociais, políticas e económicas que os vários continentes sofreram nos últimos 500 anos, onde vimos desaparecer regimes e instituições e até países, não podemos deixar de admirar a resiliência deste movimento.

Há quem diga que as Misericórdias são um dos segredos mais bem guardados do mundo e isso talvez aconteça porque foram sempre capazes de se orgulhar do seu passado, com os pés bem assentes no presente e com a preocupação constante de perspetivar o futuro.

Mantendo e defendendo a nossa identidade e honrando a nossa história e as nossas raízes, como referiu o provedor de Macau no recente congresso, seremos capazes de nos adaptarmos permanentemente à realidade em que nos movemos, o que contribuirá de forma decisiva para continuarmos a cumprir, por muitos anos, a missão para que fomos criados à luz dos desafios e dos problemas com que nos debatemos e com que nos debateremos. 



Gerações Através da horta a Misericórdia também está a promover o convívio entre gerações

‘Cultivar a terra faz parte da vida deles’

Boliqueime A Misericórdia de Boliqueime ouviu o repto dos utentes e criou, no passado mês de abril, uma pequena horta biológica nas suas instalações. Segundo a provedora da instituição, esta iniciativa tem como objetivo dinamizar a interação entre os mais novos e os mais velhos e promover um envelhecimento ativo aos utentes da Santa Casa.

“A instituição já tem uma horta, mas o terreno é acidentado e é difícil levarmos até lá os utentes, só vão lá pontualmente fazer alguma colheita. Mas eles sempre mostraram vontade de cultivar a terra, porque faz parte da vida deles, então decidimos trazer a horta para ao pé deles”, contou ao VM Sílvia Sebastião, provedora da Misericórdia de Boliqueime.

Assim, no início do mês de abril o vice-provedor da Santa Casa, Nuno Santos, lançou mãos à obra e recorrendo a paletes construiu a pequena horta num espaço contíguo à instituição. A terra foi doada por uma empresa da região e a plantação assegurada pelos idosos institucionalizados e por jovens do Colégio Internacional de Vilamoura que mensalmente visitam a instituição.

Com a criação da horta a provedora da Misericórdia diz que se está a estimular os idosos a não estarem parados. “Aqui há vida, não queremos os nossos idosos parados, e depois esta é uma forma natural de se manterem ocupados, porque o cuidar da horta sempre fez parte do dia-a-dia deles e fazem-no com gosto.”

Esta iniciativa ajuda a ocupar o tempo livre dos utentes, a estimulá-los sensorialmente e é também uma forma de terapia, como acontece com a utente Maria José que sofre de ansiedade, mas que, segundo a provedora, “quando está a tratar da horta esquece tudo, relaxa”.

Para Sílvia Sebastião esta iniciativa é especial “pela partilha de conhecimentos” com os idosos a “ensinarem aos mais novos tudo sobre a plantação, o cuidar, o regadio e a apanha dos produtos”.

Alfaces, feijão verde, courgette e tomate cherry fazem parte dos primeiros produtos hortícolas plantados e que já estão prestes a ser colhidos para depois serem consumidos na instituição. 🍷🍷

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Castelo Branco Quarta edição do encontro de gerontologia

A Misericórdia de Castelo Branco organiza o 4.º Encontro de Gerontologia. A decorrer nos dias 31 de maio e 1 de junho, no Cine Teatro Avenida de Castelo Branco, o evento deste ano é subordinado ao tema “Diferentes cuidares nas últimas idades”. Segundo nota da instituição, este encontro visa, entre outros, “promover o envolvimento de profissionais de saúde, além de outros profissionais das diferentes áreas multidisciplinares, assim como os cuidadores envolvidos na estratégia do cuidar à pessoa idosa”.



Mesão Frio Promover o acesso à tecnologia

A Santa Casa da Misericórdia de Mesão Frio investiu na plataforma siosLIFE. O objetivo, segundo nota da instituição, é “disponibilizar aos idosos um sistema tecnológico interativo, para que comuniquem virtualmente com o mundo, ajudando-os a quebrar barreiras geográficas, especialmente com os seus familiares e amigos, através de videochamadas, de mensagens e de partilha de conteúdos”. A plataforma conta ainda com jogos interativos de estimulação física e conteúdos multimédia.



Encontros para romper com a rotina laboral

A Misericórdia de Póvoa de Lanhoso promoveu encontro de colaboradores e órgãos sociais para reforçar espírito de equipa

TEXTO **VANESSA REITOR**

Póvoa de Lanhoso Foi a 4 de maio que 90 pessoas participaram no segundo encontro de colaboradores e órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Póvoa de Lanhoso. Comunhão com a natureza num ambiente de descontração e camaradagem marcaram esta ação que visa reforçar o espírito de equipa.

Em 2018 surgiu, por parte do departamento

de recursos humanos, a ideia de todos os anos realizar uma atividade que permitisse, fora do contexto laboral, a partilha de experiências e o convívio entre órgãos sociais, colaboradores e fornecedores. Escolhendo lugares que proporcionassem a descontração, o objetivo da ação é romper com a rotina laboral.

Desta vez, o local escolhido foi o concelho de Arcos de Valdevez, detentor de uma das aldeias mais pitorescas do Norte de Portugal, a aldeia de Sistelo. Conhecida como Pequeno Tibete Português, as encostas em socacos naturais desta aldeia têm uma beleza ímpar.

O passeio começou às 10 horas da manhã. A Tasquinha da «Ti' Mélia» recebeu a Santa Casa de Póvoa de Lanhoso de portas abertas e malga de vinho em mão, como manda a tradição. É



Vila Franca do Campo Feira de doces para trabalhar competências

“Não deixe para amanhã o que pode comer hoje” foi o mote da feira de doces e decorações do Centro de Desenvolvimento e Inclusão Social Pedra Segura, da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo. Segundo nota da instituição, o evento visa trabalhar competências de empregabilidade e de contacto com o público, assim como promover a inclusão social dos jovens em atividades junto da comunidade. A feira, que decorre anualmente, teve lugar no passado dia 12 de maio.



Montemor-o-Velho Seminário para partilhar experiências

A Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Velho organizou um seminário para promover a troca de experiências entre técnicos e utentes. Dedicado à temática do envelhecimento e sob o lema “Brincar não tem idade”, o evento contou com palestras sobre temas variados e terminou com uma atuação da tuna da universidade sénior da Misericórdia. Houve ainda tempo para uma visita guiada ao centro histórico da vila de Montemor-o-Velho. A iniciativa teve lugar no dia 15 de maio.

que o percurso de quase 10 quilómetros de caminhada pelos Passadiços do Sistelo tem de ser iniciado com um bom reforço que garanta a energia. Presunto, broa e vinho foram, por isso, o trio de arranque perfeito para os mais corajosos.

Os mais de 90 participantes partiram à aventura, bem-dispostos e animados. “À semelhança do ano passado, a adesão foi muito boa. No ano passado percorremos os Passadiços do Paiva, este ano viemos até Arcos de Valdevez, por sugestão dos colaboradores, e está a ser um percurso muito agradável e lindíssimo”, refere Eduarda Oliveira, assessora da Mesa Administrativa e uma das organizadoras do encontro.

Para o provedor, Humberto Carneiro, “faz cada vez mais sentido fazermos este tipo de atividades. O convívio é necessário e os nossos funcionários merecem. Estou a gostar muito, é um passeio muito agradável e de paisagens lindas”.

Todos os participantes que percorreram os passadiços fizeram-no munidos não só de alegria e entusiasmo, mas também cada um deles trazia, às costas, uma mochila perfeitamente identificada com o nome da instituição e, lá dentro, uma espécie de ‘caixa de surpresas’, onde se podia encontrar desde raspadinhas, algumas delas com prémios, um lanche para aconchegar o estômago durante o percurso e

também cremes para proteger a pele do sol que fez questão de estar presente durante todo o percurso. Tudo oferecido pela Misericórdia.

Os 10 quilómetros de caminhada foram percorridos entre gargalhadas, conversas e sempre a admirar a bela paisagem que envolve o percurso. Ao acaso, iam-se ouvindo comentários “o passeio do ano passado foi bonito, mas este está a ser muito mais”; “ir a pé e admirar tão perto o Rio Vez, tão puro e cristalino, é sem dúvida, um privilégio”; “não estou habituada a andar, mas isto faz muito bem!” E assim transcorreram as duas horas de percurso.

Meta alcançada, foi hora de descansar e descomprimir os músculos para, depois, seguirem rumo ao Monte da Senhora do Castelo para desfrutarem de um piquenique, também oferecido pela Misericórdia e que, depois de tanto andar, era bem merecido.

Durante a refeição o convívio proporcionou-se muito mais íntimo e próximo. Mantas espalhadas pela relva e mesas cheias de petiscos, pão e bebidas, convidavam a passar um resto de tarde agradável e em total descontração.

Conversas, abraços, sorrisos, e boa comida, foram o cenário perfeito para uma tarde de sábado que não podia ter culminado de melhor forma. “Agradecemos muito às nossas colaboradoras da cozinha que hoje acordaram muito cedo para poder confeccionar toda esta comida

que agora estamos a desfrutar, e que infelizmente não nos puderam acompanhar porque estão a trabalhar”, ressalva, Eduarda Oliveira.

Todas estas atividades constituem um plano de ação que visa uma melhor gestão dos recursos humanos. “É importante que os nossos funcionários e colaboradores consigam desenvolver o sentimento de pertença, que consigam vestir a camisola da instituição e se sintam enraizados. Estas atividades extralaborais têm permitido isso mesmo. Há convívio, partilha, troca de experiências e assim consegue-se interiorizar o sentimento de pertença para com a instituição e, sem dúvida, os resultados a nível laboral começam a ser muito mais satisfatórios”, garante a assessora.

A avaliar pelo grau de satisfação dos participantes, os encontros de funcionários, colaboradores e órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Póvoa de Lanhoso são para repetir. Segundo Eduarda Oliveira, um inquérito de satisfação revelou que 100% das pessoas gostou da experiência, havendo também interesse em repetir a ação. Esses dados, associados aos contributos de outras equipas da Santa Casa (cozinheiras que prepararam as refeições e equipa da farmácia pelas amostras de creme protetor e barrinhas), mostram que vale a pena sair do contexto laboral para reforçar o espírito de equipa. 

Eu leio, tu lêes, nós lemos... Ler dá asas à imaginação!

50% desconto

Em livros e merchandising infantil



Conheça outras promoções
em lojadacultura.scml.pt
e usufrua de **10% de desconto**
com o código oferta 10PRESS

VÁLIDO ATÉ 30 DE JUNHO
PROMOÇÕES NÃO ACUMULÁVEIS

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

EM AÇÃO

FRASES



Precisamos de jornalistas que estejam da parte das vítimas, da parte de quem é perseguido, da parte de quem é excluído, descartado, discriminado

Papa Francisco

Durante o encontro, no Vaticano a 18 de maio, com a Associação da Imprensa Estrangeira na Itália



Nestes difíceis tempos de incertezas e conflitos não pode o secretário-geral das Nações Unidas deixar de saudar o espírito e a ação desses milhões de homens e mulheres que anunciam e praticam as obras de misericórdia

António Guterres

*Secretário-geral da ONU
Na mensagem enviada às Santas Casas a propósito do 12º congresso internacional das Misericórdias e dos 450 anos da Misericórdia de Macau*



Há discursos que curam as enfermidades

D. José Tolentino Mendonça

*Bibliotecário e arquivista da Santa Sé
No encerramento do curso de 'Filosofia, Literatura, Espiritualidade', promovido pela comunidade da Capela do Rato, em Lisboa*

FOTO DO MÊS

Por Santa Casa da Misericórdia de Arganil



ARGANIL 200 PROFESSORES PLANTARAM ÁRVORES

A Misericórdia de Arganil inaugurou, a 11 de maio, a Rua dos Professores na Mata das Misericórdias. Tendo como pano de fundo os VIII Encontro(s) de Cidadania e Responsabilidade Socio-ambiental, mais de 200 professores de mais de 40 agrupamentos de escolas colocaram as mãos na terra e plantaram, segundo nota da instituição, várias dezenas de espécies de folha caduca. A ação decorreu no âmbito de um percurso pedagógico da responsabilidade de Jorge Paiva, biólogo de formação, cientista e professor universitário. Houve ainda tempo para declamação de poemas e uma atuação dos alunos do Conservatório do Núcleo de Arganil.

O CASO

‘Famílias são um parceiro indiscutível’

Santarém A Santa Casa da Misericórdia de Santarém promoveu, a 6 de maio, a 9ª edição do Ciclo de Conferências em Economia Social, este ano com o tema “Família(s) - Um Olhar Integrador nas Organizações de Economia Social”.

O ministro do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Vieira da Silva, marcou presença na sessão de abertura desta iniciativa que visou, segundo o provedor da instituição, Mário Rebelo, promover “uma reflexão e debate que enriqueça a intervenção diária das instituições de economia social, para quem as famílias são um parceiro indiscutível”.

Para o responsável, a presença do governante é vista como “um estímulo” para o desenvolvimento de iniciativas semelhantes, numa altura em que a Misericórdia de Santarém está a assinalar os 519 anos da sua fundação.

“Sentimos que os anos nos têm acrescentado valor, construído com esforço, empenho e muita dedicação, mas esta constatação serve,

sobretudo, para desassossegar, para incentivar rumo a um futuro que nos interpela ao uso da criatividade para repensar metodologias, respostas à medida de solicitações e cada vez mais ao encontro da satisfação de desejos”, referiu.

Segundo disse, estas conferências dão cumprimento à “missão institucional” da Misericórdia de Santarém “pois as pessoas, nas quais se centra a nossa intervenção, procuram ajuda, apoios e soluções para as dificuldades e constrangimentos do seu dia-a-dia”.

Esta 9ª edição do Ciclo de Conferências contou com comunicações dos professores universitários Luís Capucha, ISCTE, Madalena Alarcão, Universidade de Coimbra, e Roque Amaro, também do ISCTE. O painel de oradores contou ainda com Álvaro Cidrais, investigador da Universidade Lusíada de Lisboa e Coordenador Técnico da RUMO - Cooperativa de Solidariedade Social, e Ana Rita Pecorelli, procuradora

Conferências visam acrescentar valor à intervenção diária das instituições de economia social através da reflexão e do debate

da República, do Centro de Estudos Judiciários.

O presidente da Câmara Municipal de Santarém, Ricardo Gonçalves, o diretor do Centro Distrital de Segurança Social, Renato Possante Bento, e a vogal do Secretariado Nacional da UMP, Carla Pereira, também marcaram presença. 📍

TEXTO **FILIPE MENDES**

Alpalhão Utentes criam peças originais em renda

Um grupo de utentes da Misericórdia de Alpalhão dedica parte do seu tempo livre a tricotar brincos em renda. Numa nota informativa, a Santa Casa alentejana revela que estas "obras de arte", da autoria das seniores, se encontram disponíveis para venda e envio pelo correio. Fruto da criatividade das artesãs, estão disponíveis para encomenda diferentes modelos e cores. Com o objetivo de desenvolver a motricidade fina, as utentes costumam ainda desenvolver atividades de expressão plástica.



Amadora Pintar muros para quebrar preconceitos

O Contrato Local de Desenvolvimento Social 3G Consigo, da Misericórdia da Amadora, em parceria com a Lata 65, promoveu um workshop dedicado à arte urbana para pessoas com mais de 65 anos. Durante dois dias os seniores foram convidados a aprender técnicas de pintura dos grafitis e depois a colocá-las em prática em muros brancos. Segundo a organização esta foi a forma encontrada para, entre outros, "desmistificar o grafiti". A iniciativa surgiu no âmbito do programa de intergeracionalidade e envelhecimento ativo promovido pela Santa Casa.

Festejar a vida e mostrar o trabalho à comunidade

A Misericórdia de Cascais esteve em festa no centro histórico da vila. O objetivo da iniciativa era mostrar a instituição à comunidade

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Cascais A Misericórdia de Cascais esteve em festa no Jardim Visconde da Luz, em pleno centro histórico da vila, com mostras de artesanato, da autoria dos utentes, ateliês de jardinagem, cerâmica e artes manuais, declamação de poemas, atuação de grupos corais e instrumentais, dança e momentos de animação, nos dias 24 e 25 de maio. O objetivo da iniciativa foi dar a conhecer o trabalho desenvolvido em diferentes áreas de atuação, desde a infância à terceira idade, passando pela saúde (farmácia), reabilitação de adultos com patologia psiquiátrica, intervenção na comunidade, confeção e venda de comida para o exterior ("Bom Apetite").

Guiando o VM pelos expositores ao longo do jardim, a provedora Isabel Miguens frisou a "enorme importância de iniciativas que abrem a instituição à comunidade" e fazem um retrato fiel da intervenção no concelho, a pretexto do aniversário da fundação, em 1551.

A comunidade aceitou o repto com entusiasmo, marcando presença nos dois dias de festa. Portugueses e estrangeiros a residir no concelho, familiares de utentes e curiosos em passeio aglomeraram-se diante do palco montado, para assistir às atuações programadas. Dança e movimento, no início da tarde de 24 de maio, a cargo dos utentes do Centro de Apoio Social do Pisão, seguida de uma declamação de poesia pelos alunos de português para estrangeiros, do Centro Engenheiro Álvaro de Sousa, e de uma atuação do coro infantil, onde as cores do arco-íris ganharam vida, em fitas esvoaçantes, nas mãos dos alunos finalistas da Misericórdia.

Nos intervalos das atuações, houve tempo para provar as tartes e bolos do pronto a comer "Bom Apetite" e admirar as peças de artesanato, elaboradas pelos utentes no âmbito de atividades de animação sociocultural, expressão plástica e reabilitação motora e cognitiva.

O ateliê de restauro de bicicletas foi um dos que atraiu mais curiosos, em passeio pela vila. Implementado no início do ano letivo, no âmbito de uma parceria da Misericórdia com o Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo, tem envolvido dezenas de crianças na recuperação de bicicletas antigas. Francisco, Daniel, Luís e Gonçalo fazem parte do grupo

de aficionados que participa nas aulas do Projeto de Enriquecimento Experimental (PEE), a funcionar diariamente no agrupamento, com o apoio da autarquia. Quando não estão com o formador Rui Alves, do projeto "Biclas", estão nos ateliês de carpintaria, tecelagem ou costura.

Nestes dois dias de festa, todos podem ser artífices de artes que não conhecem, graças às demonstrações e workshops a funcionar em simultâneo, com a orientação de formadores e técnicos da Misericórdia. Alguns aventuraram-se na carpintaria, outros na costura criativa e croché. Não é preciso ter um talento nato, basta ter vontade de aprender. "Estou a fazer croché, supostamente vai ser uma bolsa. Aprendi agora mesmo", conta um dos aprendizes.

Noutro expositor, as utentes dos centros de convívio mostram como se faz macramé e croché, técnicas que utilizam para criar guarda-chuvas, bonecas e outras peças originais, enquanto mais adiante um pequeno grupo de utentes do Centro de Apoio Social do Pisão se dedica à modelação de anjos em cartão, tecido e arame para decorar um presépio.

No espaço dedicado aos mais pequenos, o livro infantil está em destaque em zonas de leitura com pufes e almofadas e em jogos didáticos (jogo do galo, da memória, dominó e cubo das histórias) que estimulam o gosto pelo livro, elaborados pelas crianças das creches e infantários da Santa Casa de Cascais. A encenação de uma narrativa em palco e uma sessão de contos com os pais enriqueceu igualmente o programa de atividades para o público infantil.

Ao entardecer, o palco foi invadido por um grupo de hip-hop, constituído por jovens do ATL Abóbada, um grupo de ginastas com mais de 65 anos de idade, que protagonizou um momento animado de exercício físico, e pelo conjunto musical "Vozes de Monserrate", que conquistou os aplausos do público com músicas revivalistas conhecidas de todos.

A iniciativa contou com o apoio da Câmara Municipal de Cascais, ao nível da organização, e com a visita do edil cascalense Carlos Carreira. **VM**



Visibilidade A provedora da Santa Casa de Cascais, Isabel Miguens, frisou a "enorme importância de iniciativas que abrem a instituição à comunidade"



Tomar Feira solidário por um verão mais animado

A Santa Casa da Misericórdia de Tomar organizou recentemente uma feira com artigos em segunda mão. O objetivo, segundo nota da instituição, era angariar fundos para financiar as atividades de verão dos utentes do Centro de Acolhimento Temporário (CAT) de Santa Iria. Sob o mote “Faça da sua compra uma atividade para crianças”, esta feira solidária decorreu no passado dia 12 de maio. O CAT tem capacidade para acolher 14 crianças com idades compreendidas entre zero e 10 anos.



São Pedro do Sul Celebrar o dia da Europa com festa

A Misericórdia de São Pedro do Sul foi uma das entidades a participar nas comemorações locais do Dia da Europa. A iniciativa teve lugar a 09 de maio e, segundo nota da instituição, visava promover a “partilha de experiências entre as instituições do concelho” e também a reflexão sobre a cultura e o património do continente europeu. Neste sentido, as entidades foram convidadas a apresentar uma dinâmica cultural e uma referência gastronómica sobre um país europeu. A Misericórdia apresentou a Áustria.



Arte Utes de Vila Nova de Cerveira visitaram exposição da Fundação Bienal de Cerveira

Visita guiada com idosos ‘foi impecável’

Cerveira Os utentes da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira visitaram, no início do mês de maio, a exposição “Jaime Isidoro: divulgador, colecionador e artista” que está a ser promovida pela Fundação Bienal de Cerveira. Depois da visita guiada, reproduziram em azulejo uma das pinturas patente na exposição.

Durante mais de duas horas um grupo de 10 idosos apreciou mais de 200 obras de arte que pertencem à coleção privada de Jaime Isidoro, considerado o pai da Bienal de Cerveira. Vieira da Silva, Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros ou Pablo Picasso são apenas alguns nomes de artistas representados nesta mostra que pode ser vista no Fórum Cultural de Cerveira.

“Soubemos que estava patente ao público esta exposição e decidimos agendar uma visita. A guia que nos acompanhou explicou tudo, mostrou-nos os quadros um por um, foi impecável”, contou ao VM a animadora sociocultural do Lar Maria Luísa, Andreia Viana.

No final da visita os utentes foram convidados a pintar um azulejo. “Ofereceram um azulejo a cada um e eles tiveram de reproduzir um dos quadros que estava na exposição que representava o terreiro aqui da zona, de Cerveira de antigamente”, disse a animadora.

Os azulejos pintados foram depois entregues pela Bienal ao lar de idosos. Agora o grupo está a fazer um painel para colocar numa parede da instituição.

Para Andreia Viana, este tipo de atividades é muito importante pois estimula os idosos física e psicologicamente. “São pequenas coisas, mas que lhes alegram o dia”, refere, numa alusão à vida difícil que estes idosos tiveram. “A vida deles era o campo, sabiam que existiam as exposições, mas nunca usufruíram delas, viviam para o trabalho”.

A animadora sociocultural assegura que “os idosos gostaram muito desta atividade”, entre outros motivos porque “identificaram nas pinturas muitos locais que conheciam o que os fez voltar aos seus antepassados”.

O grupo de utentes têm já marcada uma nova visita à Bienal. **VM**

Góis Sensibilizar para o voto nas europeias

Um grupo de idosos da Santa Casa da Misericórdia de Góis participou, no dia 16 de maio, numa ação sobre as eleições europeias. A iniciativa, dinamizada pela Comunidade Intermunicipal (CIM) da Região de Coimbra com apoio do centro de informação Europe Direct e da Câmara Municipal, tinha como objetivo sensibilizar a população sénior para a participação cívica. Promovida no âmbito das Comemorações do Dia da Europa, a ação decorreu na Biblioteca Municipal de Góis.



Bragança Prevenir a obesidade desde cedo

Os três centros infantis da Santa Casa da Misericórdia de Bragança participaram, no dia 16 de maio, na Marcha Contra a Obesidade Infantil, no centro da cidade. Segundo um estudo da Associação Portuguesa Contra a Obesidade Infantil, Bragança é o distrito em que as crianças comem menos fruta nas refeições. O objetivo desta marcha, que juntou mais de duas mil crianças, foi sensibilizar a comunidade para a necessidade de adotar hábitos de vida saudável desde a infância.



Obras permitiram melhorar e ampliar o centro de dia

Com a ampliação do centro de dia e a renovação da cozinha, “foi melhorado praticamente tudo”, afirma o provedor Nuno Espinal

TEXTO **VITALINO JOSÉ SANTOS**

Vila Cova de Alva O primeiro domingo de maio foi de festa nesta aldeia despovoada junto do rio Alva, mas com diversos monumentos religiosos e civis, incluindo dois solares do século XVII, a lembrar a importância de outrora. Toda a azáfama e alegria locais devem-se à apresentação pública do renovado edifício do centro de dia da Santa Casa da Misericórdia, modernizado com as recentes obras de remodelação e de ampliação.

Na voz do provedor da instituição, Nuno Alberto Espinal, “trata-se de uma obra que veio contribuir para criar melhores condições de conforto e qualidade de serviços”, atendendo à atual meia centena de utentes, embora tenha

capacidade para, num futuro próximo, beneficiar mais pessoas que ali sejam acolhidas e acompanhadas.

A empreitada ascendeu a 330 mil euros (abrangendo os novos equipamentos de cozinha) e contou com uma comparticipação do Fundo Rainha Dona Leonor, que apoiou a Misericórdia de Vila Cova de Alva com cerca de 136 mil euros, ou seja, aproximadamente 40 por cento dos custos.

A par da comparticipação financeira no âmbito do Fundo Rainha Dona Leonor, que decorre de uma parceria entre União das Misericórdias Portuguesas e Santa Casa de Lisboa, o provedor revelou ao VM ter ficado surpreendido com a doação, por parte de José Pedro Leitão (que participou no almoço de confraternização), de uma área que iria permitir a ampliação do edifício do centro de dia.

Em declarações ao Voz, o provedor afirmou que a irmandade de Vila Cova de Alva agradece ao ex-presidente do município arganilense, Ricardo Pereira Alves, a atribuição de 10 mil euros para a construção de uma pala frontal no

edifício do centro de dia, bem como o “empenho na agilização de todo o processo burocrático”, já sob o mandato do atual responsável pela edilidade, Luís Paulo Costa.

Outro autarca local que se regozija não só com a requalificação da rua Luís Bento Susano (agora igualmente inaugurada, depois de calcetada – o que facilita o acesso ao centro de dia) mas também com os melhoramentos na Misericórdia é Paulo Amaral. O presidente da União de Freguesias (UF) de Vila Cova de Alva e Anceriz salienta a “sensibilidade e resiliência” do provedor Nuno Espinal para, “ao longo de quase 20 anos”, dotar a região de “melhores condições para o apoio aos mais idosos”.

As festividades começaram com a celebração de uma missa na igreja matriz, a que se seguiu a procissão de Santa Cruz (embora o Dia de Santa Cruz esteja assinalado no calendário a 3 de maio) e encerraram com um concerto da Filarmónica Flor do Alva.

Nuno Espinal discursou durante o almoço e mostrou-se satisfeito com as principais obras e investimentos realizados, desde “a remode-



Empreitada As obras de ampliação e remodelação do centro de dia custaram cerca de 330 mil euros e contaram com apoio do Fundo Rainha Dona Leonor

lação do edifício então existente”, incluindo a aquisição do terreno onde foi instalada a tenda para aquele momento de convívio, assim como a criação da casa mortuária e, além dos muros de suporte ao edifício do centro de dia, a cobertura da ribeira, que ali passava a “céu aberto”.

Na ocasião, o provedor da Misericórdia de Vila Cova de Alva sublinhou as “excelentes relações de colaboração” com o executivo da UF, frisando que “a requalificação da rua [Luís] Bento Susano é uma prova inequívoca da sua solidariedade para com a Santa Casa, já que veio proporcionar melhores acessibilidades”.

“Podemos dizer que, neste momento, a Misericórdia está com sustentabilidade garantida. As obras estão feitas, as coisas estão mais funcionais e temos algum dinheiro em tesouraria que nos possibilita responder a qualquer percalço”, declara Nuno Espinal ao VM, embora se mostre inconformado com os problemas demográficos estruturais da região, com escassez de gente e muito envelhecida.

Criada no século XVIII, a Misericórdia de Vila Cova do Alva apoia cerca de 40 pessoas.

Património Jornadas de museologia em Beja

A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e a Santa Casa da Misericórdia de Beja promoveram, no dia 31 de maio em Beja, a sexta edição das Jornadas de Museologia nas Misericórdias. O evento teve lugar no salão nobre da Misericórdia anfitriã e contou com a participação de diversos especialistas desta área de atuação. Para saber mais sobre este evento, leia a reportagem completa na edição de junho do jornal Voz das Misericórdias.



Sobral de Monte Agraço Jovens levam percussão aos idosos do lar

Um grupo de jovens do Conservatório d' Artes de Loures esteve, no dia 11 de maio, na Misericórdia de Sobral de Monte Agraço para uma atuação da Orquestra de Percussão Corporal. Inserida no projeto que visa animar a terceira idade, esta ação contou com o apoio da Santa Casa de Arruda dos Vinhos, da Adega Mor e Junta de Freguesia de Sobral de Monte Agraço. “O nosso muito obrigado a todos os envolvidos na execução desta atividade. Foi sem dúvida uma tarde fantástica, divertida e diferente”, refere nota da instituição.

Costura solidária para ajudar crianças carenciadas



Almeirim Um grupo de utentes do Lar de São José dedica-se de “corpo e alma” a este projeto

Utentes, colaboradores e voluntários de várias Misericórdias aderiram com entusiasmo ao projeto ‘Dress a Girl Around the World’

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Solidariedade Utentes, colaboradores e voluntários de várias Misericórdias costuraram até ao momento mais de uma centena de vestidos e calções para crianças de países carenciados no âmbito do projeto “Dress a Girl Around the World – Portugal”. O projeto criado em 2009 tem motivado igualmente uma onda de solidariedade junto das comunidades locais, através da participação em encontros de costura solidária e da doação de tecidos, linhas, elásticos e roupa interior.

Em Torres Vedras, os utentes das respostas sociais de terceira idade elaboram peitilhos em croché, com diferentes cores e modelos, para os vestidos costurados pelas voluntárias do ateliê “My Moyo”, coordenado por Sofia Figueiredo. A animadora sociocultural Cátia Samora, que acompanha o projeto no lar, destaca a adesão dos idosos (total de 15) e voluntários que ajudam a criar estes “vestidos únicos”, que se distinguem pelo bolso em forma de coração.

Também na Misericórdia da Murtosa as utentes mais habilidosas se dedicam, desde

2017, à produção dos peitilhos em croché, tendo concluído recentemente a entrega de quase 40.

Em Almeirim, um grupo de utentes do Lar de São José dedica-se de “corpo e alma” a este projeto, segundo a diretora geral Helena Duarte. Reúnem-se diariamente no ateliê de costura, para se dedicar às várias fases de produção, desde o corte dos tecidos ao trabalho em croché e na máquina de costura. Gracinda Fernandes, costureira reformada, assume as rédeas do ateliê com entusiasmo e garante um ritmo de trabalho acelerado. No início de abril, entregaram cerca de 100 vestidos e 40 calções e desde então já fizeram pelo menos mais 50 vestidos.

Em Reguengos de Monsaraz, os utentes do centro de atividades ocupacionais colaboraram na confecção dos bolsos dos vestidos, no âmbito de uma parceria com o núcleo de Portalegre do Dress a Girl. Por sua vez, em Valpaços os utentes das estruturas residenciais para idosos dedicaram-se a confeccionar não apenas vestidos, mas também calções de menino.

Dress a Girl Around the World é uma organização não-governamental americana fundada em 2009 que chegou a Portugal em 2016 com o objetivo de costurar vestidos e calções novos, para crianças de países carenciados. Neste momento, o projeto conta com núcleos em vários pontos do país, que promovem encontros de costura com a colaboração de centros de dia, escolas, universidades seniores e voluntários da comunidade em geral.



Belmonte Contra os maus tratos na infância, as crianças deram vida a um laço azul

‘Serei o que me deres... que seja amor’

Maus tratos “Serei o que me deres... que seja amor”. Foi este o mote para a edição deste ano da campanha do Mês da Prevenção dos Maus Tratos na Infância que se realizou no passado mês de abril e à qual se associaram várias Misericórdias. Palestras, workshops, caminhadas, trabalhos manuais e a realização de laços azuis humanos foram algumas das ações realizadas.

Promovida pela Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPJ), esta campanha, que é marcada pelo uso do laço azul, visa, sobretudo, promover os direitos das crianças, combater a violência física e psicológica e sensibilizar a população para a importância da prevenção dos maus-tratos na infância e juventude.

Um pouco por todo o país as Santas Casas foram decoradas com o símbolo da campanha, o laço azul, como forma de consciencializar a sociedade para esta problemática dos maus-tratos físicos e psicológicos na infância e juventude. A Casa de Acolhimento Residencial da Santa Casa de Resende foi uma das que usou um laço azul na sua fachada.

Em Figueiró dos Vinhos, a Misericórdia, em parceria com outras instituições locais, organizou exposições de laços azuis e distribuiu miniaturas de laços pelas escolas do concelho. Já os utentes do centro de atividades ocupacionais e do lar de idosos da Misericórdia de Baião viram o seu laço azul, construído com tampas de garrafas de água, ser exposto numa rua da vila.

As crianças da Misericórdia de Sintra participaram, a convite da CPCJ Ocidental, na atividade de rua “Dá voz ao que sentes, constrói afetos” onde, entre outras atividades, as crianças foram sensibilizadas para a temática dos maus tratos e das questões ambientais.

As crianças que frequentam a creche e jardim de infância da Santa Casa da Misericórdia de Belmonte e de Vila de Rei assinalaram o fim das atividades do mês da prevenção dos maus tratos com a realização de um laço azul humano.

A sessão de encerramento do Mês da Prevenção dos Maus Tratos na Infância decorreu no dia 30 de abril na Assembleia da República.

CES Debate sobre os desafios demográficos

O Conselho Económico e Social (CES) promove uma conferência sobre “Desafios Demográficos – O Envelhecimento”, no dia 06 de junho, que terá lugar na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. A sessão é de entrada livre mediante inscrição. Segundo nota do CES, serão convocadas para reflexão “áreas essenciais da vida em sociedade como a justiça entre gerações, a idade no mercado de trabalho, a quantidade e qualidade de anos de vida, a inovação tecnológica nesta era da 4ª revolução industrial”.



Angra do Heroísmo Espetáculo para recuperar património

A Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo promoveu um espetáculo de solidariedade no dia 5 de maio. Os fundos angariados visam apoiar a recuperação de uma imagem do Senhor Santo Cristo, padroeiro da Misericórdia. Segundo nota, a imagem encontra-se em elevado estado de degradação desde o sismo que assolou a Terceira em 1980. Integrado nas comemorações dos 520 anos da Santa Casa de Angra, o espetáculo foi protagonizado pela Sociedade Filarmónica Rainha Santa Isabel das Doze Ribeiras.



Idosos foram parceiros para desenvolvimento de robô

Santas Casas de Vila Velha de Ródão e Castelo Branco apoiaram o desenvolvimento do projeto do Instituto Politécnico de Castelo Branco

TEXTO **PAULA BRITO**

Robótica O Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) está a desenvolver um robô para interagir com pessoas idosas. As Misericórdias de Vila Velha de Ródão e Castelo Branco foram as parceiras do desenvolvimento e teste do projeto que vai regressar às duas instituições assim que estiver concluído.

O projeto nasceu na Escola Superior de Tecnologia do IPCB, inserido no EuroAGE que tem como objetivo desenvolver iniciativas inovadoras para a promoção do envelhecimento ativo, mas foi desenvolvido na Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão. “Foram nossos parceiros do desenvolvimento, foi através deles que melhorámos aspetos como a falta de orientação espacial, o que nos levou a introduzir números nos quadrados da arena, foi através deles que detetámos a dificuldade de visão do jogo no ecrã de um tablet, o que nos levou a optar por um projetor”. Quem explica é Paulo Gonçalves, que lidera a equipa que concebeu o projeto.

O robô, que, entretanto, também ganhou uma cara de ursinho com um grande sorriso



para o tornar mais atrativo, está assente em sete jogos de diferentes graus de dificuldade. O tapete em vinil, ou arena, está dividido em quadrados e é a base do jogo que tem sete níveis, os primeiros três são manuais.

“O primeiro jogo é o das cores, as pessoas têm que ir buscar as peças com as respetivas cores para colocar nos respetivos quadrados, o segundo é o das formas, o terceiro mistura as cores e as formas.” Os seguintes são jogados com a utilização do robô. “Por exemplo, o quarto é só com círculos de cor verde, os idosos têm que os colocar no sítio indicado e com o robô retirá-las da arena.”

O jogo esteve a ser testado, no último mês de março, no lar Adriano Godinho, da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, onde também sofreu adaptações. “Inicialmente não havia pontuação e começámos a ver que a pontuação era um motivo acrescido de motivação e participação, por isso decidimos acrescentar”, refere Maria João Guardado Moreira, coordenadora do mestrado em gerontologia social da Escola Superior de Educação do IPCB e outro dos elementos da equipa.

O robô foi recebido inicialmente com desconfiança. “Para alguns idosos, o facto de o jogo ter uma tecnologia por base torna-o mais difícil e retraíram-se um pouco no início”. Mas não foram apenas os idosos a ter essa reação. Quando foi convidado para integrar a equipa, o fisioterapeuta Vítor Pinheira achou o desafio estranho “porque estando mais dedicado às

questões do envelhecimento, numa dimensão eminentemente humana, a robótica foi um desafio estranho”, disse.

Mas para o técnico o desafio acabou por ser interessante “porque uma das componentes do trabalho é perceber até que ponto a introdução destas tecnologias com um jogo associado consegue, num grupo de idosos, ser um fator promotor de interação social e comunicação, e isto é particularmente importante em idosos institucionalizados”.

Mas com um jogo de cartas, como a sueca, não era possível obter os mesmos resultados? Questiona-se e responde-se em simultâneo. “Desafiármos estas pessoas, que estão muito rotinadas em padrões de atividades para uma nova rotina já é um ganho. Dos últimos testes pareceu-nos que, em alguns dos participantes, há um envolvimento e interesse diferente do jogo da sueca. O elemento inovador do robô constitui um fator de mudança.”

O robô foi testado num grupo de cerca de 30 idosos, sendo que o mais velho, o sr. Mateus, que tem 94 anos, “é um dos melhores jogadores”.

Este projeto está a entrar na fase final e Paulo Gonçalves quer levá-lo à Misericórdia de Vila Velha de Ródão para mostrar o resultado do produto aos idosos que ajudaram a desenvolver o robô. Depois da fase de demonstração o sistema é dado por terminado e no final do mês de junho fica disponível para as instituições parceiras e outras que eventualmente tenham interesse na iniciativa. 📧

UMPtv Novos filmes já estão a ser produzidos

A União das Misericórdias Portuguesas já está a trabalhar na segunda fase do programa A Vida dos Outros. Os filmes a apresentar nesta nova temporada já estão em fase de produção e começarão brevemente a ser divulgados. Recorde-se que o programa AVDO visa produzir filmes sobre boas práticas e histórias exemplares nas Misericórdias, colaborando assim para a divulgação deste universo. Mais de uma centena de filmes foram produzidos na fase 1 deste projeto e todos podem ser vistos no site da UMP, no Facebook ou no Youtube.



Algoso Colher flores para recordar tempos vividos

Um grupo de idosos da Santa Casa da Misericórdia de Algoso, no distrito de Bragança, foi para o campo colher alfazemas selvagens. Além do contacto com a natureza, já tão aprazível nesta altura do ano, a iniciativa recorda vivências antigas dos seniores. De volta ao lar, o grupo começou logo a tratar de arrumar as flores em pequenos ramalhetes que servem para perfumar armários e gavetas com roupas.



Prémio Penafiel arrecadou o primeiro lugar no concurso de fotografia de Paços de Ferreira

Fotografia para promover o convívio

Fotografia A Misericórdia de Paços de Ferreira convidou as congéneres, instituições de solidariedade social e população do concelho a participar num concurso de fotografia sobre a Primavera, no âmbito do 107º aniversário. O resultado final esteve patente numa exposição, aberta ao público até ao fim de maio, com 19 fotografias representando paisagens variadas e utentes de todas as idades. Do distrito do Porto aderiram três Santas Casas, Santo Tirso, Louzada e Penafiel, tendo esta última arrecadado o primeiro prémio com uma fotografia de uma utente do Lar Santo António dos Capuchos.

Mais que o título, os participantes valorizaram a oportunidade de convívio e a experiência enriquecedora que reuniu colaboradores e utentes de várias respostas sociais. Ao VM, a animadora sociocultural, envolvida na organização da iniciativa, revelou que a exposição foi pretexto para convidar todos os candidatos a visitar a sede da Santa Casa de Paços de Ferreira.

“Juntámos duas instituições em cada visita e gerou-se uma dinâmica de convívio entre todos, que era um dos nossos objetivos. Devido à adesão dos grupos, vamos prolongar a exposição até ao fim de maio para que todos possam visitá-la”, adiantou Glória Ribeiro.

A adesão à primeira edição do concurso foi tão “positiva” que no próximo ano a Misericórdia de Paços de Ferreira quer repetir a iniciativa nos mesmos moldes, mas com um novo tema, que será anunciado brevemente. O objetivo é aumentar o número de participantes, desde entidades a fotógrafos amadores da comunidade, dentro e fora do concelho.

A Misericórdia de Penafiel recebeu a notícia da distinção com surpresa e “enorme satisfação”, conforme nos confessou a psicóloga Filipa Rego, numa breve conversa. “Os utentes ficaram muito satisfeitos, foi o nosso primeiro prémio num concurso”. Com a orientação da animadora Cátia Fonseca e da “fotógrafa oficial” da instituição, Cristina Silva, foi possível produzir a imagem vencedora, onde sobressai o sorriso da utente de 87 anos. 📧

MoliCare Premium Slip

HARTMANN



INCONTINÊNCIA

MELHOR
DO TESTE

DECO
PROTESTE

Publicado em 10.2.2017
deco.proteste.pt/seios

Licença n.º BV.2017/10.MT.0022

As folhas MoliCare Premium Slip foram testadas pelo DECO PROTESTE como o "peço Melhor do Teste"

A gama MoliCare Premium Slip
com seis níveis de absorção:



Serviços adicionais à sua disposição:

- Estudos económicos para otimizar custos e trabalho na Incontinência.
- Controlo de custos de Incontinência online, com "HILMAS".
- Formação em Incontinência e Feridas Crónicas para profissionais de saúde.

www.hartmann.pt

Publicidade a Dispositivos Médicos. Leia cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização.



Serviço ao cliente
Tel. 219 409 920

CONGRESSO DE MACAU

澳門問*

17

ANTÓNIO GUTERRES
Sinal de esperança
e de compromisso

18

MANUEL DE LEMOS
Papel cada vez mais
importante e decisivo

19

ANTÓNIO JOSÉ DE FREITAS
Identidade solidária em
tempos novos de Macau

20

JOSÉ SILVA PENEDA
As Misericórdias
continuarão a ver mais
longe

21

MARCELO REBELO DE SOUSA
Partilha de valores
humanistas

24

VÍTOR MELÍCIAS
A Natureza,
a Identidade e a Missão
do Movimento das
Misericórdias

Nota de edição

O jornal Voz das Misericórdias agradece à Tribuna de Macau e à Santa Casa da Misericórdia de Macau pela cedência de conteúdos (textos e fotografias) relacionados com a realização do 12º Congresso Internacional das Misericórdias e os 450 anos da Santa Casa da Misericórdia de Macau

Diálogo e cooperação para criar novas políticas sociais

Macau Misericórdias do mundo reforçaram a importância da cooperação com os Estados no desenvolvimento de novas gerações de políticas sociais que viabilizem sociedades mais coesas e mais inclusivas

TEXTO **TRIBUNA DE MACAU E VOZ DAS MISERICÓRDIAS**
FOTOGRAFIAS **MISERICÓRDIA DE MACAU**

Reunidas em Macau, nos dias 13 e 14 de maio, Misericórdias de diversos países do mundo afirmaram o seu papel de parceiros ativos nas políticas de saúde, educação, património, habitação e proteção social na colaboração com os Estados. A afirmação integra um conjunto de princípios que deverão orientar a atividade dessas instituições nos próximos anos. Através da Declaração de Macau, as cerca de 3000 Santas Casas representadas no congresso reforçaram também o seu papel no diálogo e cooperação com os Estados no desenvolvimento de novas gerações de políticas sociais que viabilizem sociedades mais coesas e mais inclusivas.

As afirmações surgiram no âmbito do 12º Congresso Internacional das Misericórdias, que decorreu na sala de conferências do MGM Macau, sob o tema “O papel das políticas sociais e de saúde na proteção à infância, juventude e envelhecimento”. Integrado nos 450 anos da Misericórdia de Macau, este congresso fica na história das Santas Casas por ter sido o primeiro encontro mundial a decorrer em território asiático.

Cientes da necessidade de estarem atentas ao desenvolvimento geoestratégico das políticas internacionais, do cenário criado pela “nova rota da seda” e da disponibilidade manifestada pelo congresso para as Misericórdias assumirem o papel de braço social deste projeto, Santas Casas portuguesas, brasileiras, italianas, entre outras, destacaram a necessidade de ser fomentada uma cultura de solidariedade universal, em que o desenvolvimento tecnológico não possa diminuir a importância da inteligência emocional.

Segundo o presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e da Confederação Internacional das Misericórdias (CIM), as Santas Casas estão disponíveis para colaborar, como parceiros sociais, no projeto “Uma Faixa, Uma Rota”, lançado pelo Presidente Xi Jinping.

Para Manuel de Lemos, “Macau poderia e deveria, porque tem capacidade e o sabe fazer, ser o pivô e o dinamizador deste movimento nesta região do mundo, assim participando na área social, na nova Rota da Seda que o Presidente da República Popular da China lançou, assente naquilo que, ele próprio, qualificou como ‘uma

parceria voltada para o futuro’. Aqui fica o repto e a nossa disponibilidade institucional e pessoal para participar nessa parceria.”

Ainda durante o seu discurso na sessão de abertura do 12º congresso internacional, o presidente da UMP e da CIM destacou que “neste momento tão decisivo para as nossas sociedades, para o desenvolvimento e para a paz, importa conciliar os enormes saltos tecnológicos que damos todos os dias com a perenidade dos valores, a solidariedade e o diálogo inter-religioso”. Paralelamente ao congresso, elementos da CIM tiveram um encontro com o chefe do executivo interino, Lionel Leong (ver página 23).

Também o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau destacou a relevância do acontecimento que “afirma pela primeira vez no Oriente o nosso espírito de fraternidade e de partilha de valores humanitários”. António de Freitas, que discursava na sessão de abertura, sublinhou ainda que a Misericórdia de Macau, que celebra 450 anos, é “a mais antiga e única sobrevivente na Ásia e que precedeu a primeira forma de governo desta região do sul da China”.

Prosseguindo, o provedor referiu o envelhecimento das populações, as novas patologias e o aumento dos cuidados continuados como principais desafios, “independentemente dos continentes onde nos encontrarmos”.

A sessão de abertura ficou também marcada por uma oração de sapiência proferida por Vítor Melícias na qualidade de presidente emérito da CIM. Sobre a “natureza, identidade e missão do movimento das misericórdias”, Vítor Melícias afirmou que “na diversidade de tempos, lugares e contextos em que elas vêm marcando a história com o ideal de fraternidade, importa realçar que a estabilidade, sustentabilidade e perenidade das Misericórdias, nas variadas culturas, regimes e situações, resultam da fidelidade à sua específica natureza e da sua capacidade de adaptação à mudança e aos desafios do futuro de cada tempo e lugar”.

Por isso, continuou Vítor Melícias, “a natureza e vocação das Misericórdias são muitíssimo mais vastas e abrangentes do que o seu enquadramento e regime jurídicos”.

“A chamada natureza jurídica, ou melhor, enquadramento e regime das Misericórdias





Mensagem



ANTÓNIO GUTERRES
Secretário geral
das Nações
Unidas

Sinal de esperança e de compromisso

Saudações amigas para todos vós.

Associo-me de todo o coração às comemorações dos gloriosos 450 anos da Santa Casa de Misericórdia de Macau e aos objetivos do décimo segundo congresso internacional que em sua homenagem aí realiza. Desejo sobretudo sublinhar o sinal de esperança e de compromisso que a vossa assembleia mundial representa.

Nestes difíceis tempos de incertezas e conflitos a nível mundial, não pode o Secretário-Geral das Nações Unidas deixar de saudar o espírito e a ação desses milhões de homens e de mulheres que, fiéis aos ideais e compromissos da Rainha Dona Leonor, desde há mais de cinco séculos e em nome da fraternidade universal, anunciam e praticam as obras de misericórdia.

Que a estrela de sete pontas e a rosa de sete pétalas que ostentais na vossa bandeira como símbolo das sete obras de misericórdia espirituais e das sete corporais vos inspirem e fortaleçam nesta nobre e tão necessária missão de levar ao mundo a fraternidade e a paz.

São estes os votos que formulo para a ação das Misericórdias em todo o mundo. E de um modo especial reitero os meus parabéns à Misericórdia de Macau.

Obrigado. 🙏🇵🇹

Nota: a mensagem foi apresentada em vídeo durante a sessão de abertura do XII Congresso Internacional das Misericórdias



Congresso internacional

A sessão de abertura do encontro decorreu na sala de conferências do MGM Macau. Cerca de 3000 Santas Casas estavam representadas

nos diversos ordenamentos jurídicos (civis, canónicos ou outros) é apenas uma das expressões da sua natureza e nem sequer a mais importante, porque meramente instrumental e visando somente criar e regular as condições de existência que legitimam e tutelam o exercício da sua real e substantiva atividade.”

“Quando se procura definir o conceito e expressões da natureza comum das Misericórdias, sobrepõe-se a toda e qualquer outra a definição de Santo Agostinho, depois adotada por Santo António de Lisboa: ‘Se o coração do teu irmão está em sofrimento e o teu sofre com ele, isso é misericórdia’” (ver texto integral na página 24).

No decorrer do primeiro dia deste encontro mundial foram também apresentadas as mensagens de António Guterres e Marcelo Rebelo de Sousa, que se associaram ao evento (ver páginas 17 e 21).

Seguiram-se painéis dedicados a temas variados e transversais ao trabalho das Misericórdias presentes. Assuntos como saúde, infância, envelhecimento e políticas sociais foram abordados por representantes das Santas Casas do Brasil, de Itália, de Portugal e também

de Macau. Uma exposição alusiva aos 450 anos da Misericórdia de Macau e palestras sobre o trabalho desenvolvido na área do património cultural foram igualmente tema de debate em Macau (ver página 19).

No âmbito da deslocação a Macau, os congressistas tiveram também a oportunidade de conhecer as valências da Misericórdia de Macau e de participar na cerimónia de proclamação dos ex-governadores de Macau (generais Rocha Vieira e Garcia Leandro) a irmãos beneméritos da Santa Casa anfitriã.

Na área social, a Santa Casa macaense apoia 258 crianças em creche, 123 idosos em estrutura residencial, uma loja social (inaugurada em 2013) e dispõe ainda de um centro de reabilitação com capacidade para acolher 50 invisuais. A instituição tem ainda um núcleo museológico, que recebe cerca de 150 visitas por dia, e que está instalado no edifício-sede da Santa Casa, classificado como Património da Humanidade pela UNESCO em 2005. Iniciativas culturais ou de convívio têm espaço no Albergue da instituição e também no centro de convívio da irmandade.

**MANUEL DE LEMOS**

Presidente da União das Misericórdias Portuguesas e da Confederação Internacional das Misericórdias

Discurso proferido na sessão de abertura do 12º congresso internacional

Papel cada vez mais importante e decisivo

As minhas primeiras palavras são para desejar a todos as boas vindas ao XII Congresso Internacional das Misericórdias.

Um Congresso que marca a história do movimento das Misericórdias porque é o primeiro realizado na Ásia e, sobretudo, sob a responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia de Macau, que celebra também 450 anos da sua fundação, nesta belíssima cidade, que é a cidade de Macau.

Por isso, meus queridos amigos, é mister que comece por distinguir a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Macau, na pessoa do seu Irmão Provedor Comendador António Freitas, para lhe agradecer esta organização tão complexa e tão onerosa.

Permitam-me, pois, que dedique alguns minutos à Santa Casa da Misericórdia de Macau, na perspetiva deste Congresso Internacional, salientando três aspetos:

Em primeiro lugar, a história.

Fundadas a partir de 1498, por iniciativa da Rainha D. Leonor e com a cumplicidade ativa de D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal de Alpedrinha, na esteira das suas congéneres italianas, rapidamente as Misericórdias se entranharam na idiosincrasia do “ser português” e se propagaram primeiro no território mãe, embora, desde o princípio, tenham feito parte do kit da diáspora portuguesa que, rapidamente, se traduziu num aforismo popular que diz “um português, um padrão; dois portugueses, um abraço; três portugueses, uma Misericórdia”.

E, é neste quadro que, logo em 1504, nasce a Misericórdia de S. Tomé e Príncipe, depois Ceuta, depois, em 1516, a de Luanda e São Salvador do Congo, a seguir as do designado Estado da Índia, (Goa, Damão e Diu, mas também Cochim, Canacor e muitas mais) e, logo após, Macau, seguindo-se também as Misericórdias da Indonésia (Manila) e as do Japão (Nagasaki e Osaka, pelo menos), num total de mais 50, às quais haviam de se somar, mais tarde, as do Brasil e de toda a América Latina.

De todas as da Ásia, a única que sobreviveu, ao longo de 450 anos, foi a de Macau, o que, só por si, diz da capacidade da Irmandade e da sua vitalidade ao longo dos séculos. Permita-me, por isso, Senhor Provedor, que em Vossa Excelência agradeça a todos os órgãos sociais que, ao longo dos séculos mantiveram aqui em Macau o ideal da Misericórdia.

Em segundo lugar, a missão.

Cumprir as obras de misericórdia, ao longo de 4 séculos e meio, diz muito da atualidade dessas obras, mas diz tudo sobre a vontade inquebrantável das gerações que, ao longo deste tempo, assumiram os destinos da Misericórdia para, também aqui, cumprirem a “opção preferencial pelos pobres”, como tão bem as definiu S. João Paulo II. Basta visitar as valências da Santa Casa, como eu tive oportunidade de o fazer, para compreender todo o alcance destas minhas palavras. E, já agora, destacar que não é só a variedade das valências por si só, mas a qualidade das respostas que importa salientar.

Em terceiro lugar, o futuro

O desafio da solidariedade, do desenvolvimento, da coesão social, que atravessa as sociedades hodiernas exige que, como sempre o fizemos no passado, sejamos flexíveis e encaremos, com naturalidade, a necessidade de nos adaptarmos às novas políticas sociais e que, cada vez mais, cooperemos com os respectivos Estados na sua execução.

Estou certo que, mais uma vez, a Santa Casa da Misericórdia de Macau está preparada para esse desafio e o vai cumprir com sucesso.

Mas se me fosse permitido colocar um desafio suplementar à Santa Casa, arriscaria que seria do maior interesse perceber se, alguma dessas cerca de 50 Misericórdias que os portugueses fundaram no passado, ainda funciona (temos aqui, embora muito mais recente Díli, mas temos também notícia da de Osaka) e se valeria a pena refundar algumas ou animar outras onde as comunidades estivessem abertas aos nossos valores e à nossa missão.

Macau poderia e deveria, porque tem capacidade e o sabe fazer, ser o pivô e o dinamizador deste movimento nesta região do mundo, assim participando na área social, na nova Rota da Seda que o Presidente da República Popular da China lançou, assente naquilo que, ele próprio, qualificou como “uma parceria voltada para o futuro”. Aqui fica o repto e a nossa disponibilidade institucional e pessoal para participar nessa parceria.

Senhores congressistas, senhores convidados:

Feita esta referência aos nossos anfitriões, permitam-me que acentue, mais uma vez, o significado deste congresso se realizar

na Ásia, na República Popular da China, neste momento tão decisivo para as nossas sociedades, para o desenvolvimento e para a paz, em que, sobretudo, importa conciliar os enormes saltos tecnológicos que damos todos os dias com a perenidade dos valores, a solidariedade e o diálogo inter-religioso.

Ciente deste significado, permitam-me que vos dê nota das duas declarações que foram enviadas ao congresso e que reputo da maior importância:

A primeira que obtivemos com a cumplicidade do nosso Presidente Emérito, o Dr. Vítor Melícias, foi a do Secretário Geral das Nações Unidas, o Senhor Engenheiro António Guterres, e que acabou de ser apresentada.

Só para a ouvir, ver e ler valeu a pena vir a Macau porque nunca antes as Misericórdias tiveram uma tão grande atenção de um líder mundial.

Uma declaração do Secretário Geral das Nações Unidas sobre as Misericórdias num congresso realizado na China é algo que ultrapassa tudo quanto poderíamos legitimamente esperar.

A verdade é que este interesse do Secretário Geral das Nações Unidas, se é o reconhecimento do trabalho que, por toda a parte, vamos fazendo, do rigor, da qualidade e do mérito da nossa atuação, é também o reconhecimento de que a Humanidade necessita de instituições como as nossas, que perduram no tempo, e que têm por objetivo o auxílio e apoio a quem precisa, sem distinção de cor, credo, opção política ou rendimento.

Igualmente tivemos a honra de conhecer a saudação ao congresso do Senhor

Presidente da República Portuguesa, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, que, mais uma vez, se associa às nossas realizações, dando assim conta de todo o carinho e atenção que lhe merecemos e que faz com que todos os homens de Misericórdia de todo o mundo se revejam nele também.

A ambos o nosso verdadeiro, sentido e profundo reconhecimento e a nossa eterna gratidão.

Senhores congressistas, senhores convidados:

Num mundo feito de mudança, o papel das Misericórdias tem-se revelado cada vez mais importante e decisivo. Importante porque apesar de todo o desenvolvimento das sociedades, continuam a registar-se, com cada vez maior visibilidade, casos de desequilíbrio profundo e porque, hoje, todos sabem que só a sociedade civil organizada em instituições como as nossas, é capaz de promover o apoio a essas pessoas. Decisivo porque sem esse apoio teremos um mundo menos coeso, menos solidário e menos justo.

Por isso, temos crescido em número, tamanho e respostas em Portugal, em Itália, no Brasil, em Macau ou S. Tomé e Príncipe.

Por isso, as comunidades e os seus responsáveis olham para nós com cada vez maior atenção e interesse.

Por isso, também, não podemos perder esta oportunidade.

Acresce que as Misericórdias são em si mesmas agentes de desenvolvimento, criadoras de emprego sustentado, duradouro e qualificado, geradoras do diálogo civil, de riqueza e bem-estar. E nós, que somos aqueles que o Papa Francisco designou como a “concreta da Misericórdia” temos o privilégio de sermos os principais atores desta realidade.

Logo, tudo o que façamos para dar corpo a esta realidade tem sentido. Este congresso tem precisamente este objetivo. Avaliar o que temos feito, trocar experiências mesmo em ambientes tão diversos e, sobretudo, conhecermo-nos, criar a rede do pescador que S. Pedro bem simboliza, para que nos habituemos a rever, em qualquer parte do mundo, pessoas como nós, que comungam os nossos valores, se preocupam com o seu semelhante e ajudam a que à nossa volta haja globalmente mais justiça, mais coesão, mais inclusão.

Como me disse o Senhor Provedor de Macau, “a causa vale a coisa”.

Desejo, pois, a todos um bom trabalho!

Importa conciliar os enormes saltos tecnológicos com a perenidade dos valores, a solidariedade e o diálogo inter-religioso



ANTÓNIO JOSÉ DE FREITAS
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau

Discurso proferido na receção comemorativa do 450º aniversário da Misericórdia de Macau

Identidade solidária em tempos novos de Macau

Minhas Senhoras e meus Senhores,
Muito boa tarde.

No ano de especial significado para a Região Administrativa Especial de Macau, quando se assinalam os 70 anos da implantação da República Popular da China, os 40 anos do restabelecimento das relações diplomáticas entre a China e Portugal e os 20 anos desta Região Administrativa Especial, é com especial orgulho que a Santa Casa da Misericórdia de Macau inicia as comemorações dos seus 450 anos, a que se junta a realização do 12º Congresso Internacional das Misericórdias, pela primeira vez, em Macau.

A expressão misericórdia advém da junção de miserere (ter compaixão) e cordis (coração).

Ter compaixão no coração. Ser solidário e prover aos carenciados. É esta compaixão, solidariedade e o prover aos carenciados, durante 450 anos em Macau, que hoje comemoramos.

Fundada pelo Bispo D. Belchior Carneiro, antes mesmo da primeira forma de governo de Macau, a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia atravessou 4 séculos e meio e uma transferência de poderes por assentar nesta compaixão, solidariedade e espírito.

Portugal deu novos mundos ao mundo, mas foi a Rainha D. Leonor que, com a sua visão, criou este movimento misericordioso com vista a um mundo melhor, solidário, de vocação universalista e de união dos povos.

A Misericórdia de Macau, assim criada, sobreviveu singela na Ásia, entre as muitas fundadas em paralelo com a expansão ultramarina portuguesa.

Esta permanência em Macau tem uma explicação muito simples, pois orientou-se sempre para “prover a todos os pobres, envergonhados e aos que precisem”, como disse o nosso fundador. Não olhou a credos, etnias ou outro tipo de orientações. Proveu e prove a todos. Sempre. Sem desvios ou temores.

Como todas as instituições multiseculares, enfrentou dificuldades. Teve períodos áureos e menos bons. Mas prosseguiu sempre guiada pelo espírito de fraternidade universal e de ajuda ao próximo.

Amparámos órfãos, viúvas e os que mais necessitavam ao longo dos séculos. Fomos também uma instituição de crédito e a primeira concessionária de jogo em Macau, com uma lotaria. Num dos nossos imóveis residiu o Dr. Sun Yat Sen, segundo registos

existentes no nosso arquivo.

Enfrentámos tempos difíceis antes da transição de poderes, mas as intervenções dos Senhores Governadores, especialmente as do General Garcia Leandro e do General Rocha Vieira, deram o impulso necessário para prosseguirmos.

Impulso esse reforçado pelos dirigentes do governo da RAEM, que sempre viram na Santa Casa a afirmação de uma identidade comum e solidária em tempos novos de Macau.

Foi assim que, mantendo a nossa identidade e honrando a nossa história e raízes, absorvemos a nova atualidade e realidade de Macau.

Dobrámos o milénio e relançámos as novas valências que responderam às exigências e solicitações da sociedade.

Restaurámos o edifício-sede da Irmandade, património mundial classificado pela UNESCO, e criámos o centro de convívio congregador de irmãos e seus familiares.

Criámos um núcleo museológico expondo relíquias e peças de arte sacra seculares que cristalizaram o encontro de civilizações.

Renovámos o Lar da Nossa Senhora da Misericórdia, criámos uma creche de referência, melhorámos o centro de reabilitação de cegos. Subsidiámos alunos

carenciados da Escola Portuguesa de Macau desde a sua fundação e instituímos prémios para os melhores alunos nas línguas não maternas de português e chinês.

Dinamizámos o sector cultural, criando no espaço Albergue da Santa Casa da Misericórdia, um polo de difusão das culturas presentes em Macau.

Lançámos o projeto da “Loja Social” que, desde 2013, distribuiu mensalmente milhares de cabazes com bens alimentares de primeira necessidade a quem se deparou com uma nova realidade mais onerosa. A tal pobreza escondida dos tempos que correm.

Sendo Macau uma das cidades de capital importância da Grande Baía, é nossa intenção encarar a hipótese de estender aos residentes de Macau que se encontrem nas cidades dessa Região, os apoios e os serviços ao nosso alcance, em parceria com outras instituições ou organizações.

Não queria deixar de salientar aqui o importante desafio que o presidente da Confederação Internacional das Misericórdias, Dr. Manuel de Lemos, lançou à nossa Irmandade, no discurso de abertura do XII Congresso, para que as Misericórdias integrassem, na área da ação social, o projeto “Uma Faixa, uma Rota” lançada pela República Popular da China.

O presidente Manuel de Lemos salientou que a Santa Casa da Misericórdia de Macau tem capacidade dinamizadora nessa área, convidando-nos para transmitir em conjunto aos líderes do Governo Central da China a disponibilidade institucional das Misericórdias e da Confederação Internacional das Misericórdias para participar nessa parceria tão importante.

Gostaria, por fim, de referir como muito importante, e também motivo de extremo orgulho e de incentivo, a recente visita à nossa Irmandade do Presidente da República Portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa. A homenagem deu-nos mais alento e confiança para percorrer este caminho certo, cumprindo a missão nobre que nos cabe como Misericórdia.

Agradecemos a todos, de forma sentida, a homenagem que é prestada pela vossa presença aqui e hoje, 450 anos depois. Vamos prosseguir ainda com maior determinação a nossa missão humanitária e de fraternidade, elevando-a para novos patamares.

Muito obrigado.
Bem hajam. 🙏🙏

Espaço para reflexão sobre património

Património O património cultural foi um dos eixos principais do 12º congresso internacional e dos 450 anos da Santa Casa da Misericórdia de Macau. Além de uma palestra dedicada ao tema, a Santa Casa macaense inaugurou, no dia 15 de maio, uma exposição sobre a sua atividade ao longo de mais de quatro séculos.

Patente até 30 de junho, a exposição “450 anos da Misericórdia de Macau” recorre a fotografias antigas, imagens de documentos, ilustrações, quadros, mapas e plantas para apresentar os princípios pelos quais se rege, assim como iniciativas mais recentes, como o funcionamento da Loja Social desde 2013. A unir os diferentes momentos da instituição está o foco em edifícios da região por ela erguidos.

“A Santa Casa deteve ao longo da história várias dificuldades, por vezes financeiras, e acontece que muito do património que ainda hoje se encontra em Macau foi construído pela instituição”, disse Rogério Beltrão Coelho, curador da exposição. É disso exemplo o asilo dos órfãos, onde hoje se encontra o Instituto Cultural.

Na mostra pode-se encontrar referência, entre outros, ao Hospital de S. Rafael, o primeiro com características ocidentais e introdutor de vacinas na China. “Durante anos albergou inválidos e alienados, e nele funcionou uma cozinha económica”, indica a descrição. Atualmente, é a sede do Consulado Geral de Portugal.

Outro momento dedicado ao património cultural foi a palestra dedicada ao tema. Na palestra participaram os provedores da Santa Casa da Misericórdia do Porto, António Tavares, e da Bahia, Roberto Sá Meneses, bem como o ex-provedor da Santa Casa de Macau, Carlos Marreiros.

Sá Meneses apresentou aos congressistas o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela Santa Casa da Bahia. Um museu com quase 4000 peças, um centro de memória cujo acervo documental abrange um período que vai do século XVII até os dias atuais, um circuito que é considerado o maior representante da arte cemiterial do Estado da Bahia e um dos mais significativos do Brasil e manutenção e conservação de edifícios históricos são exemplos do trabalho realizado por esta Misericórdia brasileira na área do património cultural. 🙏🙏

É esta compaixão, solidariedade e o prover aos carenciados, durante 450 anos em Macau, que hoje comemoramos

**JOSÉ SILVA PENEDA**

Presidente da Mesa da Assembleia Geral da União das Misericórdias Portuguesas

Discurso proferido durante o painel "O fenómeno do envelhecimento: uma abordagem europeia"

As Misericórdias continuarão a ver mais longe

Abordar o tema envelhecimento ativo na Europa é encarar o que se pode perspetivar um caminho para o que alguém já designou de suicídio demográfico. E a palavra suicídio parece adequada porque, na grande maioria dos Estados-membros da União Europeia, fabricam-se mais caixões do que berços.

A Europa apresenta, nos nossos dias, a maior perda de população da história moderna. A Alemanha já tem a menor taxa de natalidade do mundo. Nas últimas seis décadas, a população da Ásia triplicou. Até 2050, a população africana mais do que duplicará, na América Latina esse aumento será de 25%, no Norte de África de 59% e na Índia de 25%. Em 1950, a população da Europa era tripla da da África Subsaariana, mas em 2100, os africanos dessa região serão cinco vezes mais do que os europeus.

No final do presente século, a União Europeia apenas representará 4% da população global, com a agravante de, dado o aumento da esperança média de vida, associado à diminuição das taxas de fertilidade, acontecerá um grande crescimento de pessoas mais idosas, acompanhado de um largo declínio da população trabalhadora.

Na União Europeia, por cada pessoa com mais de 65 anos há 3,8 jovens. Em 2060 para cada pessoa com mais de 65 anos existirá apenas 1,8 jovens, ou seja, menos de metade!

Até 2050 a União Europeia irá perder 50 milhões de habitantes em idade ativa. A Europa é, de todos os continentes, aquele em que a idade média é a mais elevada, 38 anos. Em meados deste século essa média aumentará para 52 anos enquanto, por exemplo, nos Estados Unidos será de 42 e em todos os outros continentes ainda será mais baixa. Numa só geração a Europa ficará irreconhecível.

Há quem compare esta situação demográfica com a vivida durante a Peste Negra do século XIV. Esta evolução tem consequências, desde logo no domínio económico.

O decréscimo da força de trabalho representará uma diminuição para metade do potencial de crescimento económico da Europa até 2040, ao mesmo tempo que aumentará, com base nas atuais políticas, a despesa relativa aos sistemas de pensões, saúde e cuidados continuados.

Mas a consequência desta evolução demográfica não se confina apenas à economia. As consequências são mais vastas e

vão afetar a vida das Misericórdias. A evolução demográfica na Europa constituirá uma pressão substancial nas finanças públicas, nos sistemas de segurança social e nos mercados de trabalho dos diferentes Estados membros.

A forma de organização das sociedades europeias será diferente e afetará a conceção de outras políticas públicas – só para citar algumas – como a cultura, lazer, ordenamento do território, segurança e emigração.

Os impressionantes ritmos de crescimento económico nas nações em desenvolvimento induzirão no conjunto desses países, uma acrescida prosperidade, modernização, maior qualidade de vida e maior poder de compra.

O resultado será uma fortíssima aceleração da pressão sobre os recursos do planeta, desde a expansão das áreas aráveis e da exploração dos oceanos até ao consumo de energia, água e recursos minerais.

A geografia do consumo de recursos mudará ao longo das próximas décadas, deslocando-se gradualmente da Europa, da América do Norte e do Japão para as nações em desenvolvimento.

Será um novo mundo, com uma nova correlação de poderes, com novos atores que possuem diferentes visões, dos valores e do indivíduo.

Será um mundo mais complexo em que a Europa será cada vez mais minoritária em população, em poder de produção, em força de consumo, em capacidade financeira e em influência política.

Há pensadores que afirmam que o mundo não vai crescer mais à imagem do Ocidente. O mundo está a crescer, quantitativa e qualitativamente, mas, em larga medida, fora da Europa e dos seus parâmetros. E este fenómeno é novo.

A Europa ao longo de muitos séculos esteve sempre na vanguarda de todos os continentes.

Foi na Europa que nasceram todos os grandes movimentos culturais ou expressões artísticas, como o barroco ou o romantismo, ou económicas, como a revolução industrial ou a moeda única, ou ideológicas, como a democracia-cristã ou a social-democracia.

Muitos destes movimentos repercutiram-se transversalmente em todas as sociedades, não só europeias, mas também a nível planetário.

Pela primeira vez na história, o continente europeu corre o risco de não ser o grande impulsionador das mudanças que vêm

acontecendo. Muitas das mudanças que tiveram lugar à escala planetária, no final do século passado e nos inícios deste século, já não tiveram os seus epicentros na Europa.

E isso faz toda a diferença!

Enquanto a maior parte do mundo cresce com uma pujança fulgurante, a Europa começa a apresentar sinais de declínio, em que a evolução demográfica é a face mais visível e a que causa maior alarme.

Só uma certa miopia política não enxerga esta realidade que, afinal, constitui uma das maiores ameaças para o futuro europeu. A questão é, por isso, a de saber como se pode minimizar estas ameaças.

Desde logo, nos domínios da ciência, da inovação tecnológica e da economia digital nos quais o continente europeu detém trunfos apreciáveis, mas que, no seu conjunto, não resolvem por si só a questão demográfica.

Daí que a Europa, para evitar o suicídio demográfico, tem de apostar de modo muito decidido em políticas que promovam a natalidade. A Europa precisa de uma política que permita às pessoas ter o número de filhos que desejam, sem baixar o nível de vida.

Mas não chega. É irrealista pensar que as pessoas vão voltar a ter quatro ou cinco filhos. Por isso, a Europa também precisa de uma política europeia de migrações.

E essa política é urgente porque, só num ano, a população imigrante cresceu dois milhões de habitantes, enquanto a população autóctone da Europa foi encolhendo.

A muito fraca taxa de natalidade da Europa, combinada com o aumento da imigração vai ter consequências também ao nível da transformação da cultura europeia.

Por isso, a Europa precisa ainda de integrar melhor os estrangeiros que já estão na Europa e perceber o papel da escola na integração. É na escola que se faz a mistura que cria a tolerância.

Aqui também as Misericórdias podem assumir um papel relevante.

A Comissão Europeia já admitiu a gravidade do problema, mas apesar de recomendar alterações no mercado de trabalho e nos sistemas de proteção social, explica que essas políticas competem a cada Estado-membro.

A evolução demográfica na Europa vai também criar tensões entre os Estados Membros.

A Alemanha irá perder cerca de 11 milhões de habitantes em idade ativa e, por isso, terá de ir buscar mão de obra fora das

suas fronteiras e fá-lo-á atraindo sobretudo os povos do Sul da Europa, nomeadamente portugueses, porque são vistos como culturalmente mais iguais e fáceis de integrar do que, por exemplo, turcos ou asiáticos.

Se isso acontecer, as consequências, por exemplo, para Portugal serão dramáticas, porque é sabido que, sendo a emigração um fenómeno seletivo, são sempre os mais capazes e dinâmicos os primeiros a partir, depauperando as regiões de origem do seu recurso mais precioso.

A ideia fundamental a reter é que o fenómeno da imigração na Europa precisa urgentemente de uma visão de longo prazo.

A forma de contornar o problema terá forçosamente de passar pela entrada, nas próximas décadas, de milhões de imigrantes para oferecer à economia europeia a força de trabalho que necessita.

Uma visão de médio prazo que defina uma política de imigração em que a gestão dos fluxos populacionais possa ser feita de modo coordenado, que tenha em consideração a situação económica e demográfica da Europa, que seja desenvolvida em cooperação com os países de origem e que beneficie de instrumentos capazes de facilitar a integração dos migrantes no tecido social do destino é algo que se tem de tornar uma grande prioridade da política europeia.

Outra questão é saber de onde devem vir esses imigrantes? Da parte oriental da Europa não será porque na maior parte desses países as economias estão a crescer a bom ritmo, a população também tem tendência para decrescer e, portanto, a prazo, estarão confrontados com o mesmo problema de toda a Europa.

A situação é muito diferente nos países do Médio Oriente e do Norte de África, em que os mercados de trabalho não estão em condições de oferecer empregos adequados para os mais jovens, cujo número e níveis de qualificação estão a crescer.

Estou convencido que o aumento organizado da mobilidade da força de trabalho para a Europa com origem no Médio Oriente e no Norte de África é assim e a prazo o que se pode chamar um jogo em que todos podem ganhar.

Eu sei que a concretização desta ideia não é fácil. Se os imigrantes serão cada vez mais necessários à Europa será inevitável que, na sua grande maioria, a proveniência localizar-se-á em regiões do globo onde os valores culturais, civilizacionais e religiosos são muito distintos dos europeus.

E se tivermos em conta o facto de a União Europeia ter tremido em 2015, quando apenas um milhão de refugiados entrou no continente, percebemos que a imigração não é vista, por muita gente como um ativo, mas encarada como uma ameaça, o que tem feito crescer os fenómenos associados ao populismo e nacionalismo.

Daí que o maior risco de todos é a Europa ter de conviver com um cenário assustador que mistura suicídio demográfico com

xenofobia. Temos de ter consciência de que a Europa está mergulhada em vários problemas de grande dimensão e complexidade e todos com origem no exterior.

Emigração, terrorismo, segurança, energia relações com a Rússia são alguns exemplos.

Dado o nível de integração a que se chegou na construção do projeto europeu nenhum destes problemas pode ser resolvido, ou sequer atenuado nos seus efeitos, se não existir uma perspetiva sistémica quanto à sua análise e quanto às políticas a adotar num quadro estratégico de médio e longo prazo.

São precisas soluções europeias. As soluções nacionais são ineficazes.

O envelhecimento na Europa só pode ser contrariado se a Europa for capaz de encontrar um ponto de equilíbrio que permita garantir controlo, confiança e estabilidade.

Só que as atuais condicionantes de natureza política, tornam este objetivo muito difícil de atingir. Apesar do quadro traçado, o pior que poderia acontecer seria sentirmo-nos paralisados perante a situação.

Nós, Misericórdias, temos o dever e a responsabilidade de também encarar o envelhecimento da população na Europa como uma oportunidade.

A isso obriga a história das Santas Casas, algumas com mais de cinco séculos de existência, em que souberam sempre mostrar a sua utilidade perante situações e problemas sociais em diferentes épocas.

O envelhecimento acentuado da população, o consequente aumento do número de idosos - muitos deles desejavelmente saudáveis e ativos mas muitos também dependentes - terá que levar inevitavelmente a uma mudança de paradigma cultural que dê mais valor à presença do idoso na sociedade.

As escolas e os lares podem ter um papel importante como veículo privilegiado para a promoção da experiência e sabedoria das pessoas mais velhas e do seu valor na sociedade atual.

Porém, para que o prolongamento da vida ativa seja atrativo e compensador para os mais idosos, deverão ser adotadas medidas, baseadas numa lógica de cooperação entre governos, empregadores, autarquias, sindicatos e instituições da sociedade civil.

As Santas Casas produzem serviços que são claramente um bem público.

Por isso, as formas de cooperação e de relação com as autoridades governamentais não devem ser baseadas na base do conceito de subsídio, mas antes no da prestação de serviços. O poder político não tem que subsidiar, antes deve pagar por um serviço prestado que tem natureza de bem público.

Serviços de bem público que não se esgotam no apoio direto aos que mais precisam, mas que se estende a outras vertentes como, por exemplo, o papel que muitas das Misericórdias desempenham em áreas tão determinantes, como seja o reforço da coesão regional e social.

O fenómeno do envelhecimento vai proporcionar grandes avanços em termos de inovação tecnológica e social. A este respeito, as Santas Casas vêm desenvolvendo uma significativa dimensão no avanço de novas tecnologias e no reforço de capacitação dos seus colaboradores.

O futuro vai representar muitas oportunidades, especialmente para os mais jovens, pelo enorme potencial de criação de emprego. Nos Estados Unidos o setor que cria mais emprego está relacionado com as atividades da segurança e, logo a seguir, são as tarefas relacionadas com o apoio aos mais idosos.

Termino, expressando uma convicção.

O projeto europeu nasceu como um projeto de paz, baseado em valores de liberdade, democracia, solidariedade, respeito pelo Estado de Direito e de igualdade de todos perante a lei.

É verdade que muita coisa está a mudar no mundo e a forma de aplicar no terreno os valores do modelo social europeu não poderia deixar de ser afetada por todas essas mudanças.

Mas não se pode confundir a necessidade de reformular o modelo de paz, liberdade e prosperidade que a Europa assumiu como seu, adaptando-o às novas circunstâncias e aos novos tempos, com o seu desmantelamento.

Abandonar qualquer dos valores que estão na génese do mais belo e sofisticado processo de integração económica e política que foi desenvolvido à escala planetária, corresponderia ao fim da União Europeia e seguir-se-ia, seguramente, a conflitualidade e o fim da era de paz e tranquilidade vivida há várias décadas.

Nesta intervenção tentei mostrar que o fenómeno do envelhecimento da população na Europa tem causas muito complexas e que estão muito para além da conjuntura económica.

Qualquer tentativa para minimizar os riscos que estão associados ao percurso que vem sendo traçado obriga a colocar a questão como uma grande prioridade, não só das políticas nacionais, mas fundamentalmente como um dos eixos estratégicos da política europeia, que não é compatível com uma visão de curto prazo.

Contrariar a tendência de envelhecimento na Europa obriga a subir ao monte mais alto para enxergar a pista das soluções.

O Senhor Padre Vítor Milícias deu conta no início deste congresso da natureza das Santas Casas, apontando os valores associados à liberdade, responsabilidade, solidariedade e adaptabilidade face às circunstâncias de cada época, como os alicerces que justificam a utilidade destas instituições ao longo de séculos.

Este passado é o garante que do alto do monte as Misericórdias continuarão a ver mais longe.

Muito obrigado.

Coro de Vila Verde atua em Macau

O grupo coral da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde participou no 12º Congresso Internacional das Misericórdias que este ano decorreu em Macau, inserido nos festejos dos 450 anos da Misericórdia local. Formado por colaboradores e órgão sociais da instituição, o coro atuou em quatro momentos distintos: abertura e encerramento do congresso, no jantar de Gala dos 450 anos da Misericórdia de Macau e no Santuário de São José. Criado em 2002, o grupo coral assume-se hoje como um embaixador da Misericórdia em Portugal e no estrangeiro.

Reativar a ação social em Díli

No final do 12º Congresso Internacional as Santas Casas decidiram que durante a próxima década vão reforçar o apoio às novas Misericórdias e à ativação de antigas, como é o caso da Misericórdia de Díli. Fundada em 2000, cessou funções passado seis anos. Hoje, 13 anos depois, a instituição foi reativada. Florentino Sarmento, presidente da assembleia-geral, que falou ao TDM Canal Macau, afirmou que neste momento "procuram fundos e financiamento" para reconstrução da sede e para começar a ajudar os mais necessitados.

Mensagem



MARCELO REBELO DE SOUSA
Presidente da República

Partilha de valores humanistas

Caras amigas e amigos,
Caros Irmãos,

Ainda não fez um mês, tive a honra de visitar a Santa Casa da Misericórdia de Macau, vossa anfitriã para este XII Congresso Internacional das Misericórdias, magno encontro das Misericórdias no mundo. Ao seu provedor e também ao presidente da Confederação Internacional das Misericórdias, Manuel de Lemos, envio uma fraterna saudação e o desejo de uma profícua jornada de trabalho.

Falar de Misericórdias no mundo é também falar da maneira portuguesa de estar no mundo e do significado histórico de que se reveste. É falar de um espírito de convívio e de partilha de valores humanistas, é falar de integração e proximidade às comunidades, é falar de uma vontade de serviço que se renova geração após geração.

Cinco séculos de história no trabalho das Misericórdias dão-nos essa perspetiva e a garantia de que o espírito fundador permanece, desafio nunca esgotado, missão renovada, com vocação de futuro. Pensar o papel das políticas sociais nessa dimensão é pensar presente, mas sobretudo pensar futuro, e é esse o desafio a que se propõem nos próximos dias. Trata-se de temas que interpelam as Misericórdias enquanto instituições, mas sobretudo a vós enquanto atores e agentes do desenvolvimento e inclusão social.

Como sabem, enquanto Presidente de todos os Portugueses, tenho-me esforçado por estar perto das comunidades e dos seus problemas, porque é assim que entendo o meu mandato, mas essa proximidade permite-me igualmente avaliar o insubstituível papel do setor social em geral, das Misericórdias em particular, na manutenção dos valores da justiça e igualdade sociais.

Reconhecendo esta missão e sublinhando a sua importância saúdo calorosamente, a uma distância apenas física, todos os participantes do XII Congresso Internacional das Misericórdias, aguardando com expectativa a partilha das conclusões conseguidas.

Nota: a mensagem foi lida durante a sessão de abertura do XII Congresso Internacional das Misericórdias

CONGRESSO DE MACAU



Macau Misericórdias de diversos pontos do globo estiveram em Macau entre os dias 12 e 19 de maio. Além do debate sobre políticas sociais, desafios gestonários, envelhecimento da população, identidade e património cultural, as Santas Casas tiveram oportunidade de estreitar laços, partilhar experiências e, sobretudo, conhecer a realidade de uma Misericórdia que, segundo o seu provedor, António José de Freitas, soube manter a identidade e honrar as suas raízes, absorvendo, ao mesmo tempo, "a nova atualidade e realidade de Macau".



Cooperação para apoiar ação social

Cooperação O chefe do Governo interino, Lionel Leong, e o presidente da Confederação Internacional das Misericórdias (CIM), Manuel de Lemos, reuniram-se para debater o reforço da cooperação na área social.

Para Manuel de Lemos, este encontro com o governo da Região Administrativa Especial de Macau representa um “estreitamento da cooperação” para “impulsionar, em conjunto, as ações de assistência social”.

A reunião decorreu a 13 de maio na sede do executivo de Macau e, segundo nota divulgada pela Agência Lusa, serviu para discutirem “o reforço da cooperação entre o governo e as associações de caridade e a promoção dos trabalhos de assistência social”.

De acordo com a mesma nota, a comitiva de Misericórdias foi recebida por Lionel Leong, que substituiu Fernando Chui Sai On (que estava em visita oficial a Portugal), garantiu que Macau “continuará a apoiar as instituições de solidariedade de cariz associativo na realização das suas atividades de caridade e de assistência social, esperando que, através da cooperação estreita (...) as três partes - a sociedade, o Governo e as associações de solidariedade - fiquem todas beneficiadas”.

As atividades do congresso da CIM decorreram durante a semana em que a Santa Casa da Misericórdia de Macau assinalou o seu 450.^o aniversário. **VM**



11

As Misericórdias reunidas em Macau, nos dias 13 e 14 de maio, aprovaram 11 princípios que deverão orientar a sua atividade na próxima década. Reforçar o seu papel no diálogo com os Estados; cooperar com os Estados no desenvolvimento de novas políticas sociais, em particular na área do envelhecimento; assumir papel ativo nas políticas de saúde, educação, património, habitação e proteção social são alguns princípios presentes na Declaração de Macau. Decidiram ainda que o próximo congresso terá lugar em 2022 no estado de São Paulo, Brasil.

Oração de sapiência



VÍTOR MELÍCIAS
Presidente emérito da CIM

A natureza, a identidade e a missão do movimento das Misericórdias

Saudando e homenageando os 450 anos de intrépido e humanitário serviço da Misericórdia de Macau à Humanidade, saúde e louvo o espírito com que fomos convocados para, em Congresso, “cum-gredere”, ou seja, para avançar, “avançar juntos”, na realização, voltada ao futuro, dos ideais, que definem a natureza, vocação e gloriosa história, já multiseccular, destas ímpares e augustas instituições. Digo augustas, com o mesmo sentido com que o Povo e a História as batizaram de Santas.

Na diversidade de tempos, lugares e contextos em que elas vêm marcando a História com o ideal de Fraternidade traduzido em Obras de santa Misericórdia, importa realçar que a estabilidade, sustentabilidade e perenidade das Misericórdias, nas variadas culturas, regimes e situações, resultam da fidelidade à sua específica natureza e da sua capacidade de adaptação à mudança e aos desafios do futuro de cada tempo e lugar.

Muito me congratulo, por isso, com esta feliz opção de iniciar a reflexão e partilha deste XII Congresso, precisamente pela evocação da específica e comum natureza, identidade e vocação universalista das Misericórdias.

É bem sabido, e pela experiência confirmado, que os grandes pilares em que assenta o sucesso ou insucesso de qualquer instituição ou projeto são, sobretudo, a defesa da sua identidade e a imagem positiva e coerente da sua ação.

Ora, quando se fala de identidade, da qual decorre a autonomia das instituições, fala-se da sua natureza e vocação ou finalidade.

É certo que, com a obsessão jurídicista que grassa em certos contextos e em defesa de certos interesses, quando se fala ou trata da natureza da Misericórdias há muitas vezes a tentação de definir a sua natureza apenas como natureza jurídica, em função do seu enquadramento nos vários ordenamentos jurídicos, desvalorizando-se assim os, seguramente mais importantes e decisivos, elementos da sua real natureza.

Sim, a natureza e vocação das Misericórdias são muitíssimo mais vastas e abrangentes do que o seu enquadramento e regime jurídicos.

A chamada natureza jurídica, ou melhor, enquadramento e regime das Misericórdias nos diversos ordenamentos jurídicos (civis, canónicos ou outros) é apenas uma das expressões da sua natureza e nem sequer a mais importante, porque meramente instrumental e visando somente criar e regular as condições de existência que legitimam e tutelam o exercício da sua real e substantiva atividade.

Em boa hora e por feliz iniciativa dos seus organizadores, quisemos, por isso mesmo, iniciar este histórico Congresso evocando, em jeito de partilha “in-augural” (i. é., de bons augúrios!), aquela natureza profunda que, por assumir diversidades e específicas situações, o meu grande amigo e mestre Tierno Galván chamaria de “homogeneidade diferencial”. Foi por ela que se caldeou a comum história das Misericórdias do ontem e do hoje. Por esse modelo de homogeneidade elas se devem também guiar na construção, em harmoniosa sintonia, da história do amanhã.

Quis a bondade dos organizadores chamar “*oratio sapientiae*” a este primeiro momento do Congresso. Não estaria mal, se por “*oratio*” entendéssemos “oração” ou prece de bons augúrios. Não teria, porém, cabimento se, no que à “*sapientiae*” se refere, estivéssemos a pensar em discurso de sábios, pois que me sinto e sei que sou mais sábio quando calado do que em qualquer tipo de sapienciais “*orationes*”.

Por isso mesmo, procurarei prescindir, evitando-os, de quaisquer arroubos sapienciais ou pretensões de oratória, ou mesmo de revestimento técnico-científico, para, com toda a lhanza e linguagem singela, trazer ao coração do Congresso aquilo que os muitos anos e o muito amor à Causa das Misericórdias me ensinaram sobre a natureza, ou seja, sobre a identidade, cultura institucional e índole das Misericórdias espalhadas pelo mundo e configuradas pela História segundo a diversidade de gentes, lugares e tempos.

Quando se procura definir o conceito e expressões da natureza comum das Misericórdias, sobrepõe-se a toda e qualquer outra a definição de Santo Agostinho, depois adotada por Santo António de Lisboa: “Se o coração do teu irmão está em sofrimento e o

teu sofre com ele, isso é misericórdia”.

Foi esta luminosa visão do que é a misericórdia que efetivamente deu nascimento e sentido de existir e operar àquelas, que o povo chamou de Santas Casas, as quais, muito para além das suas variadas expressões jurídicas e sociais, mais ou menos religiosas, configuram a mais sublime forma de organização da Fraternidade, motor e cerne da sua ímpar natureza.

As Misericórdias são, de facto e por natureza, instituições de “misericórdia por fraternidade”, aquela Fraternidade, que leva “homens bons” a unir-se e tratar-se como “irmãos, constituindo-se em “irmandades ou confrarias” (duas realidades, um só sentido, o de Fraternidade). São irmãos, agem como irmãos em favor de irmãos, fazendo “antresi”, como então se dizia, o Compromisso de, por sentirem como seus os sofrimentos de todos “os nossos irmãos” (lê-se logo no início do Compromisso fundacional de 1498, modelo e pai de todos os outros Compromissos Leonorianos), “os socorrerem nas tribulações e misérias” (cite!).

As Santas Casas não nasceram para tratar dos “pobrezinhos, coitadinhos”, nem para “caridadezinhas” alegadamente virtuosas, mas para permitir e promover que os irmãos caídos em necessidade possam exercer com dignidade o seu “direito fundamental à dignidade e à misericórdia.”

Sim, “direito à misericórdia”, ou seja, direito a ser tratado como irmão, com coração e em fraterna solidariedade, direito humano fundamental e, por isso, inalienável e imprescritível, de ser tratado como irmão e, mais ainda, quando em situação de necessidade e sofrimento, ser tratado como primeiro de todos os irmãos.

Por isso, e bem ao jeito do mandato evangélico de “amai-vos uns aos outros, porque sois todos irmãos”, as Misericórdias nascem sob o signo e motivação da universal Fraternidade (em Cristo), de que é oportuno

testemunho D. Melchior Carneiro, que ao fundar, em 1575, o hospital da Misericórdia de Macau, ordenava, desde logo, que “nele sejam admitidos tanto cristãos como não cristãos” (porque todos irmãos em Cristo).

Ou, como escrevia S. Francisco Xavier na famosa carta de 28 de setembro de 1542 dirigida a Santo Inácio de Loyola, fundador e Geral da Companhia de Jesus, referindo-se às Misericórdias de Goa e do Oriente, “Haveis de saber...que, na Índia e noutras terras, é coisa de admiração o que faz esta companhia de homens muito honrados em favor de todos os necessitados”.

Em linguagem e visão das Misericórdias, irmão em Cristo é todo o ser em sofrimento, seja Homem ou Natureza, “nossa mãe e nossa irmã”.

Aliás, com esse exato sentido, o Papa Francisco, tão sábio e tão consciente da fraternidade na grande “casa comum”, proclamou como 15ª Obra de Misericórdia precisamente o cuidado dessa Casa de todos os Seres.

Era isto também o que pregavam os Franciscanos, cujo fundador, Francisco de Assis, quis se chamassem e fossem irmãos, Irmãos Menores, Frades Menores, quando junto do povo e de reis, rainhas, príncipes e nobres da Corte, pregavam a misericórdia como primeira de todas as virtudes.

Foi, de facto, com esta motivação fraternista, historicamente comprovada, que Frei Gil Lobo, confessor de S. Isabel, redigiu o seu testamento, nele incluindo já explícita referência às Obras de Misericórdia como mandato de cristã fraternidade.

O mesmo fizeram Fr. João de Xira, famoso pregador e orientador espiritual de D. João I, e o religioso franciscano confessor e testamentário de D. João II, também conselheiro de sua mulher Dª. Leonor, fundadora das Misericórdias de padrão lusófono.

De igual modo, o franciscano que colaborou com D. Duarte na redação do Leal Conselheiro, onde a virtude da misericórdia tem lugar acentuado.

Aliás, esses e outros influentes franciscanos desses tempos áureos eram, eles mesmos, formados no pensamento de S. Agostinho (que há momentos aqui evoquei como grande referência inspiradora da essencial natureza das Misericórdias), do qual foi seguidor S. António de Lisboa, o primeiro franciscano português que, antes da sua vocação franciscana (de que estamos a celebrar o VIII Centenário), foi formado precisamente como cônego regente de S. Agostinho, na Escola agustiniana de Santa Cruz de Coimbra, escola magistral que então ombreava com a de S. Vítor de Paris, alma mater da viragem da antiga para a moderna teologia.

É a estes homens e à sua visão, tão tipicamente franciscana, de fraternidade universal, que os historiadores, designadamente o saudoso Dr. Ferreira

A natureza e vocação das Misericórdias são muitíssimo mais vastas e abrangentes do que o seu enquadramento e regime jurídicos

da Silva, (que Deus tenha), consideram os mentores e precursores da fundação das Misericórdias em Portugal, pela excelsa Rainha D. Leonor com apoio de D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha, bem como das que, com eles, os jesuítas e outros missionários trouxeram nas naus e caravelas ao grande Encontro de Povos, de Culturas e Crenças, que foi a primeira globalização, a dos Descobrimientos.

Sim (repito e tomo como tema central desta “oratio sapientiae”), é de Fraternidade a motivação e alma das Misericórdias da lusofonia, como certamente foi também a das de raiz florentina, fundadas por S. Pedro Mártir, em maio de 1244.

E é desse pilar, semente da sua identidade, que dimana outro congénito e inseparável elemento definidor da natureza das Misericórdias, a sua Autonomia.

Normalmente e bem, quando se fala da natureza destas instituições, fala-se, conjunta e inseparavelmente, de “identidade e autonomia” como sendo uma só palavra, uma correlação de sinonímia de natureza.

Instituições, que nascem com esta motivação e são assumidas por livre compromisso de homens livres, para quem a suprema matriz da cidadania é a solidariedade em fraternidade, não podem alienar ou ver usurpada a sua radical autonomia: autonomia de conceção e escolha de prioridades de ação; e na livre administração e governação dos meios afetos aos seus fins próprios, também eles identitários e definidores da sua natureza institucional.

Isto porque, como muito bem consigna o Pacto português de Cooperação para a Solidariedade, “estas instituições agem por direito próprio e originário” (e, acrescentaria eu, “agem em nome próprio e não por mandato ou em nome de mais ninguém”).

Aliás, isso mesmo, entre muitas outras referências legislativas, reconhece, também, a Lei portuguesa de Bases da Economia Social, afirmando no seu artigo 5º, que estas instituições (cito) “são autónomas e independentes de quaisquer poderes a elas estranhos”.

Porque, apesar de tão repetida e solenemente afirmado, isto nem sempre é compreendido pelas próprias instituições e muito menos respeitado por quem o deseja ignorar, impõe-se que, em Congresso e no dia a dia, as instituições, aqui e em todas as nossas tomadas de posição, defendam a autonomia como elemento vital de defesa da natureza, identidade e fins, que nos unem em Compromisso originário.

Defender e promover a natural autonomia das Misericórdias não é uma opção; é um dever, uma obrigação institucional!

Várias vezes, ao largo da história, o fizeram aqueles que nos precederam nesta nobre missão de, em misericórdia e pela misericórdia, construirmos aquela Fraternidade, que até o art. 1º da Declaração

Universal dos Direitos Humanos propõe, se ainda não como direito, ao menos como obrigação “omnium et erga omnes”.

Dessa mesma autonomia, como elemento da natureza e identidade das Misericórdias, falava, com tanta autoridade e pertinência, o P. Virgílio Lopes no V Congresso, em Viseu, aquando da fundação da UMP (União das Misericórdias Portuguesas), ao dizer (em discurso solene de ambiente constituinte): “As Misericórdias reivindicam para si próprias o direito exclusivo de dizerem quem são.

Não permitiremos jamais que os princípios da nossa organização interna sejam ditados, a partir dos gabinetes ministeriais, ou dos paços episcopais” (fim de citação).

Falar assim é ter e promover uma consciência do valor identitário da autonomia, válido para Portugal ou para qualquer outro país onde as Misericórdias ou Santas Casas sejam, de facto, Misericórdias. É uma questão de natureza e de identidade.

Não sendo da Igreja nem do Estado, mas dos pobres, i.é, dos fins para que foram criadas, as Misericórdias devem ter a autonomia como garante e primeiro princípio da defesa da pureza desses fins.

Dados os riscos e ameaças a que este princípio está sujeito, considero e alerto as Misericórdias dos países irmãos, onde esses riscos possam ocorrer, para a necessidade de estarmos atentos e de, se necessário e oportuno, sermos profeticamente intervenientes.

Há muita gente a falar do secundário, omitindo o essencial. A falar do adjetivo esquecendo o substantivo.

Defender a autonomia é, inequivocamente, preservar a identidade das nossas instituições e a genuinidade do serviço, que à Humanidade e aos seus valores prestam.

Pela mesma lógica e em conexão, torna-

se cada vez mais necessário defender e praticar, ad intra e ad extra, outro Princípio fundamental, o da Subsidiariedade, terceiro pilar da minha “oratio”.

Conceito e designação primeiramente integrado na Doutrina Social da Igreja pela encíclica Quadragesimo Anno, do Papa Pio XI, o princípio da subsidiariedade foi, depois, gradualmente assumido por todas as instâncias das sociedades civis e políticas do mundo democrático.

Segundo este Princípio (também identitário em relação com a Identidade e Autonomia), as várias comunidades, em relação a cada indivíduo que as integra (a começar pela família, sua primeira comunidade natural) e cada comunidade superior ou mais abrangente, em relação às comunidades que a integram, têm o dever de intervir em auxílio (sub-sídium) sempre, e apenas, quando o indivíduo ou a comunidade inferior não tenha, ou esteja a não ter, capacidade de autonomamente realizar os seus fins no contexto do bem comum.

A própria Igreja, na sua moderna eclesiologia conciliar, guindou este importante princípio à categoria de norma orientadora de toda a sua vida interna, designadamente para “elaboração, interpretação e aplicação” do novo Código de Direito Canónico de 1983 e de toda a legislação canónica dele decorrente e com ele conforme (Sínodo dos Bispos, de Outubro de 1967). Infelizmente, demasiados canonistas e autoridades religiosas o ignoram ou o esquecem.

Na lógica do que venho expondo, estes princípios não devem ser entendidos como princípios, sobretudo ou meramente jurídicos. Eles (tal como a abrangente natureza das Misericórdias) são muito mais do que isso. E é por isso mesmo que as relações entre as Misericórdias e as demais autoridades e instâncias de poder político, social ou religioso, devem pautar-se pelos critérios da melhor e mais desinteressada cooperação entre entidades, no fundo, todas elas visando e concorrendo para os mesmos objetivos.

De facto, a Cooperação é outro dos valores a considerar como identitários. Por isso, o integramos no conteúdo desta “oratio” inaugural.

Reforçando a sua consciência de pertença ao setor social, também dito de Economia Social ou terceiro sector, as Misericórdias devem reivindicar e praticar os direitos, liberdades e autonomias que lhe advêm dessa sua natureza, sem nunca esquecer, porém, que não estão sozinhas e que o bem comum e o interesse geral resultam do bom entendimento e boa colaboração entre todos os setores e todos os intervenientes, cada um com os seus fins, especificidades e responsabilidades próprias. Chacun à sa place... Nunca, porém, preferenciando privilégios históricos ou rigores de interpretações jurídicas. Até porque

“summum ius, summa iniuria”.

Foi esse, a meu modesto ver, e falando apenas como exemplo, o principal erro e precipitação que levou à conhecida crise entre as Misericórdias e a Igreja hierárquica em Portugal, uma vez que se abandonou a preocupação prioritariamente pastoral e de apoio, como era preconizado por D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo de Braga, emérito pastor e credenciado jurista de ambos os direitos, e como se propunha, por exemplo, na primeira Declaração da Hierarquia, que tinha precisamente designação, intuito e natureza mais pastoral que jurídica.

O literalismo jurídico de alguns canonistas e o afã intervencionista e autoritário de alguns prelados levou ao extremar de posições, daí resultando que a CEP (Conferência Episcopal Portuguesa) tenha optado por dar prioridade à vertente jurídica mais do que à vertente pastoral e à da cooperação.

Em vez de um diálogo de cariz pastoral, que se havia iniciado, optaram os Bispos por um caminho de discutíveis definições jurídicas, tendo a CEP, com apoio de instâncias jurisdicionais de Roma, declarado que as Irmandades Portuguesas de Misericórdia são associações públicas de fiéis enquanto, por outro lado, a UMP (União das Misericórdias Portuguesas) reafirmava, em várias Assembleias Gerais, que as Misericórdias se consideram de natureza e regime jurídico de associações privadas, posição que, em termos técnicos e doutrinários, também eu, salvo sempre melhor opinião, considero única possível e correta.

Perante o impasse, mantendo ambas as partes as suas posições doutrinárias, o bom senso acabou por prevalecer, assinando-se um Compromisso ou Pacto de mútua Cooperação, em que, pelo período de 25 anos, vigora um “modus vivendi”, pelo qual, prescindindo-se de definições teóricas, se regulam práticas consensuadas, de modo a conjugar dados do regime jurídico público com dados do regime privado social.

Apesar de todos os esforços e boas vontades, por não se advertir suficientemente na natureza identitária destes princípios, mantêm-se, em certos países, algumas dificuldades nas relações com o Estado ou com as Igrejas.

É, por tudo isto, importante e muito de saudar que as Misericórdias, aqui reunidas em Congresso Mundial, iniciem os seus trabalhos em jeito de “oratio sapientiae”, refletindo e partilhando os grandes princípios e pilares da sua natureza e identidade, a saber:

- Fraternidade (Universal e Universalista)
- Autonomia (Em liberdade e Responsabilidade)
- Subsidiariedade (Ad intra e ad extra)
- Cooperação (Com todos os setores, instituições e entidades)

Defender e promover a natural autonomia das Misericórdias não é uma opção: é um dever, uma obrigação institucional

CONGRESSO DE MACAU

► Continuação da página 25

Estes são os grandes Princípios, traves mestras, que definem e enformam a natureza social e vocação universalista das Misericórdias.

Quanto à sua chamada “natureza jurídica” (que, repito, é apenas um dos aspetos menores da real natureza das Misericórdias), ela varia consoante os modelos de integração e o regime vigente nos diversos ordenamentos civis ou religiosos, em que se integram.

Assim, consoante a diversidade de processos históricos, contextos culturais e sistemas legislativos, as Misericórdias podem ser (e quase todas são) entidades do foro social com personalidade jurídica, reconhecida por um ou mais ordenamentos jurídicos. Elas são, por natureza, associações ou, em casos raríssimos, fundações (como as da Bielorrússia e o caso especialíssimo da atual SCM de Lisboa).

Em qualquer desses estatutos jurídicos, estas instituições têm sido historicamente consideradas, por vezes, como institutos de natureza pública ou de direito administrativo e, quase sempre, como privadas não lucrativas, integrantes do sector social, que, cada vez mais em todo o mundo, abrange a Economia Social e se rege pelos objetivos, princípios e normas próprias deste sector.

Quanto à sua natureza jurídico-canónica e respetivo regime no direito canónico, a quase totalidade das Misericórdias, por estarem canonicamente erigidas e não terem apenas personalidade jurídica civil, participam da eclesialidade do povo de Deus como instituições eclesiais, isto é, de Igreja, e não como eclesiásticas, ou seja, da Igreja hierárquica. E mais, como Instituições laicais, isto é, de leigos, e não como Instituições laicas ou de laicos.

Sendo obra de leigos cristãos a realizar por leigos, com abertura a outras participações, as Misericórdias devem privilegiar o laicado, defendendo a sua natureza laical, e respeitar a laicidade, não excluindo alguma participação de laicos.

Clericalizar as Misericórdias e o seu funcionamento ou limitar a participação apenas a “bons e fiéis cristãos” seria, no mínimo, ignorar a história e denegar a vocação de universalismo e de abertura à participação daqueles, que, sendo de outras sensibilidades ou crenças, “aceitem os princípios da doutrina e moral cristãs e demonstrem, pela sua conduta social ou pela sua atividade pública, respeito pela fé católica e os seus fundamentos” (art. 6º, alínea b), do Compromisso-Tipo seguido em Portugal).

Tal como, por exemplo, em Itália as Misericórdias e a sua Confederação são, nos respetivos Estatutos, consideradas como associações canónicas privadas, em Portugal, a maioria dos historiadores e canonistas (entre os quais me incluo e, reiteradamente, tenho escrito e afirmado) defendem, por

razões técnicas e de interpretação da História e do Direito, que as Misericórdias Portuguesas, além de associações civis de direito social e de economia social como Instituições Particulares de Solidariedade Social com regime próprio, são, em direito canónico, associações privadas de fiéis, que se regem pela legislação a estas atinente e pelos direitos consuetudinários legitimamente adquiridos.

São raros os casos em que, por formalismo literal, algumas Misericórdias portuguesas são chamadas públicas, em razão do especialíssimo contexto em que nasceram (caso da Irmandade da Misericórdia de São Roque de Lisboa) ou da infeliz exigência de prelados e suas cúrias que, ao aprovar alterações estatutárias, esqueceram que “ninguém pode mudar a natureza” das instituições já existentes, como, a propósito e muito bem, diz o Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica.

Seja, porém, qual for a sua identidade e regime em qualquer dos ordenamentos jurídicos em que se integram, as Misericórdias são, como disse, muito mais do que entidades do mundo do direito, devendo antes, em ordem ao cumprimento da sua Missão, que é de interesse geral e de bem comum, ser prioritariamente tratadas com sentido pastoral e de cooperação, tanto por parte dos Estados, como das Igrejas ou das outras instituições da Sociedade Civil.

Urge acabar com o falso mito e desvio de humanidade, que é pensarmos que o direito é que “comanda a vida”, secundarizando-se o amor, o afeto, a tolerância, a moral e o sentido de fraternidade que une todos os seres.

Pobres e desalmadas seriam as Misericórdias em que provedor, mesários, funcionários e irmãos perdessem o sentido de misericórdia, escravizando-se ao peso formalista de normas e leis em desfavor da liberdade criativa do amor e da cultura de misericórdia, que é a alma das Santas Casas.

Assim, fiéis à sua natureza e vocação universalista de instituições guiadas para o Bem universal pela universal Fraternidade, possam as Misericórdias todas do Mundo, na senda do universalismo de abertura total, sem discriminações, e no respeito pelo pluralismo e pela diversidade, prosseguir na construção daquele universo simbolizado pela esfera armilar, sphaera mundi, que ostentamos na bandeira da nossa Confederação, encimada pela coroa da Virgem, “Senhora do Manto Universal, Senhora das Misericórdias”.

Para que assim seja, Deus abençoe este Congresso, a nossa Confederação e todas as Misericórdias do Mundo.

Vivam as Misericórdias de Macau e do Mundo!
Viva Macau e a República Popular da China! 🇵🇹🇨🇳

Conclusões do XII Congresso Internacional das Misericórdias

Declaração de Macau

Considerando,

A necessidade da coesão social e económica como potenciadora da paz e de sociedades mais justas num mundo, cada vez mais globalizado,

O papel decisivo das instituições do setor social e da economia social, em geral, e das Santas Casas, em particular, que desenvolvem a sua atividade baseada nos valores da liberdade, responsabilidade, solidariedade e da procura do bem comum, ao longo dos séculos,

Que esse bem comum deve ter em consideração critérios mais amplos que o produto interno bruto (PIB), como a diminuição das desigualdades, a consolidação da proteção social, a prestação de cuidados de saúde, a salvaguarda do património, a possibilidade de acesso à educação e às condições de habitação, o crescimento do emprego qualificado, e a qualidade de vida das populações,

O XII Congresso das Misericórdias de todo o mundo entende ser muito importante conseguir conciliar a sua diversidade numa unidade de valores que sempre uniram as Santas Casas na primazia dos direitos humanos, na erradicação da pobreza e na solidariedade.

Assim,

Cientes da necessidade de estarem atentas ao desenvolvimento geoestratégico das políticas internacionais dos Estados a que pertencem,

Cientes do cenário criado pela “nova rota da seda”, da responsabilidade do governo chinês, e da disponibilidade manifestada pelo Congresso para as Misericórdias assumirem o papel de braço social deste projeto,

Atentas à mensagem que o Secretário Geral das Nações Unidas, engenheiro António Guterres, dirigiu ao Congresso,

As Misericórdias de todo o mundo, reunidas em Macau, no âmbito do Congresso Mundial das Misericórdias, entre 13 e 14 de maio de 2019, decidem aprovar os seguintes princípios orientadores da sua atividade para a próxima década:

- Promover no quadro da Confederação Mundial das Misericórdias os valores da paz, da solidariedade e do desenvolvimento;

- Estimular e apoiar o reforço das Misericórdias recentemente constituídas, como a de Dili, em Timor Leste, ou o renascimento e ativação de antigas, como a de Malaca;

- Cooperar na difusão das novas tecnologias e da economia digital;

- Reforçar a sua capacitação num compromisso entre a tradição e a modernidade;

- Fomentar o diálogo cultural e inter-religioso com vista aos mais elevados níveis de integração e inclusão social;

- Promover a valorização da família como célula social indispensável à sociedade;

- Reforçar o seu papel no diálogo com os Estados, no sentido de buscar mais justiça social e sociedades mais coesas e mais inclusivas;

- Cooperar com os Estados no desenvolvimento de novas gerações de políticas sociais, em especial as que representam o envelhecimento;

- Assumir o papel de parceiros ativos nas políticas de saúde, educação, património, habitação e proteção social na colaboração com os Estados;

- Colaborar com as autoridades e instituições religiosas na defesa dos princípios consubstanciados nas catorze obras de misericórdia;

- Afirmar uma cultura de solidariedade universal, em que o desenvolvimento tecnológico, em torno da inteligência artificial, não pode diminuir a importância da inteligência emocional,

Decidem subscrever esta Declaração de Princípio, cujo teor deverá ser dado conhecimento ao Secretário Geral das Nações Unidas, a Sua Santidade o Papa Francisco, aos respectivos Presidentes da República, Primeiros Ministros e autoridades religiosas nacionais.

Decidem, ainda, convocar o próximo Congresso Mundial das Misericórdias para o Estado de São Paulo, na República Federativa do Brasil, em 2022.

Macau, 14 de maio de 2019

Pernes Comunicação e Misericórdia em debate

A Misericórdia de Pernes promoveu um seminário dedicado à comunicação nas Santas Casas. A iniciativa decorreu no âmbito dos 432 anos da instituição e contou com a participação das congéneres de Almeirim, Entroncamento, Leiria e Santo Tirso, que partilharam as suas experiências nesta área. Uma mostra de publicações de Misericórdias e o lançamento de uma edição com os 20 anos do boletim da Santa Casa de Pernes integraram, entre outros, o programa deste aniversário.



Vila Verde 'Devoção e emoção' nas ruas da terra

A Misericórdia de Vila Verde promoveu, no dia 26 de maio, uma procissão em honra de Nossa Senhora da Misericórdia. Segundo nota da instituição, "um dos momentos mais marcantes é a passagem do andor de Nossa Senhora pelo hospital da instituição e pelos lares, onde dezenas de utentes o esperam com devoção e muita emoção". A iniciativa "enche, todos os anos, as ruas de Vila Verde com muitos devotos e que se destaca pela sua importância religiosa na vida da Santa Casa de Vila Verde".



Dia de Santa Cruz O programa de comemorações, em 2019, foi variado e atraiu público de todas as idades

Evocar lenda histórica para manter viva memória local

A Misericórdia de Proença-a-Nova participou nas comemorações locais do Dia de Santa Cruz para lembrar a lenda do Santo Lenho

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Proença-a-Nova A Misericórdia de Proença-a-Nova participou nas comemorações locais do Dia de Santa Cruz para lembrar a figura do filósofo jesuíta Pedro da Fonseca e a lenda histórica do Santo Lenho. A festa encheu as ruas da vila, no dia 3 de maio, com atuações musicais, espetáculos de fogo e uma encenação da lenda segundo a qual o filósofo trouxe de Roma, no século XVI, o pedaço da Cruz de Cristo que lhe foi oferecido pelos préstimos como conselheiro do Papa Gregório XIII.

De regresso à vila natal, o estudioso, conhecido por Aristóteles Português, ofereceu a relíquia ao provedor da Misericórdia, que o colocou para devoção dos fiéis na capela construída em 1557, num terreno doado por Pedro da Fonseca. O Santo Lenho tornou-se então num símbolo de culto e fé, ao qual a população pedia proteção em situações de intempéries, secas, pragas e outras doenças, sendo hoje exposto na capela da Misericórdia, no dia 3 de maio, para devoção dos fiéis e admiração dos mais curiosos. Noutros tempos, o pedaço de

madeira esteve também exposto pelo Natal e na data da eleição dos oficiais da irmandade, a 2 de julho.

Segundo o atual provedor da Santa Casa, José Pereira Bairrada, ainda hoje "Pedro da Fonseca é um filósofo muito importante para a comunidade, sendo alvo de muitos estudos". A relíquia trazida de Roma é por isso "guardada religiosamente e exposta apenas em dias de festa, à semelhança de outros tempos, em que vinham peregrinos de concelhos vizinhos vê-la".

Para homenagear esta ligação histórica, a mesa administrativa decidiu por isso associar-se à autarquia na organização da iniciativa inserida no projeto "Beira Baixa Cultural", promovido pela Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa, cofinanciado no âmbito do Centro 2020, Portugal 2020 e Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional da União Euro-

peia. Em conversa com o VM, o dirigente frisou ainda que este tipo de iniciativas pode ter um papel determinante na revitalização de zonas despovoadas, "dando vinda ao interior do país".

O programa de comemorações, em 2019, foi variado e atraiu público de todas as idades incluindo uma celebração eucarística animada pelo grupo coral da Santa Casa, um concerto do coro de Proença-a-Nova, dirigido pelo maestro albicastrense Carlos Gama, e uma conferência sobre Pedro da Fonseca, na capela da Misericórdia, proferida pelo reitor da Universidade Sénior de Proença-a-Nova, António Manuel Silva. O reitor, que está a preparar um livro sobre esta figura, revelou ainda que a futura Casa da Memória em Proença-a-Nova terá um espaço dedicado a Pedro da Fonseca.

Ao longo do dia, entre a igreja matriz e a capela da irmandade, decorreu um mercado quinhestista, com animação de rua e música com um grupo de bombos e gaita de foles, malabares e bandeiras em movimento, da responsabilidade do Grupo de Teatro Vaátão. Também os escuteiros de Proença-a-Nova participaram na decoração do Largo Pedro da Fonseca.

Brevemente, o edifício que acolheu parte das festividades vai ser alvo de requalificação com o objetivo de criar um espaço museológico para dar a conhecer o património da instituição. Até lá, o provedor espera ver classificada a capela como imóvel de interesse municipal.

A Misericórdia de Proença-a-Nova participou nas comemorações do Dia de Santa Cruz para lembrar o filósofo jesuíta Pedro da Fonseca

UMP Sessões sobre contratação a termo

A UMP promove três sessões de informação sobre a contratação a termo, nos dias 3, 5 e 6 de junho, dirigidas a provedores, mesários e técnicos dos departamentos de recursos humanos das Misericórdias (Ver circular nº 19/2019). As sessões têm início em Braga, seguindo-se Viana do Alentejo e Fátima. A participação é gratuita, mas sujeita a inscrição por questões de logística. Para mais informações contactar o Gabinete de Assuntos Jurídicos da UMP através do email assuntos.juridicos@ump.pt.



São Miguel Cor e alegria no desfile da Festa da Flor

As Misericórdias de Ribeira Grande (na foto) e Divino Espírito Santo da Maia, na ilha açoriana de São Miguel, integraram o desfile alegórico da quinta edição da Festa da Flor, que decorreu em Ribeira Grande entre 17 e 19 de maio. Utentes e colaboradores dos centros de atividades de tempos livres das duas Santas Casas levaram cor e alegria às artérias da cidade. 'Piquenique de Primavera' e 'Amor numa tela' foram, respetivamente, os temas escolhidos pelas instituições.



Bonecos de palha para não deixar cair as tradições

A exposição Espantalharte é o resultado de um trabalho que juntou funcionárias, técnicas e utentes da Misericórdia de Ansião

TEXTO **MARIA ANABELA SILVA**

Ansião O jardim do Ribeiro da Vide, localizado em frente às instalações da Misericórdia de Ansião, ganhou, temporariamente, novos 'habitantes'. Durante o mês de maio, cerca de duas dezenas de espantalhos embelezaram o espaço e tornaram-se um ponto de atração de visitantes ao local, onde novos e menos novos fizeram questão de ver e fotografar a Espantalharte. Uma exposição de espantalhos que resultou do trabalho de colaboração que juntou funcionárias e técnicas da Misericórdia, com idosos e crianças que frequentam as várias valências da instituição (estrutura residencial, centro de convívio e o centro infantil).

A provedora Teresa Fernandes conta que a ideia partiu da Mesa Administrativa e foi "de imediato" aceite e acarinhada pelas técnicas e funcionárias. Coube-lhes a elas conceber os bonecos e executá-los, com a ajuda preciosa dos utentes. No lar, os mais velhos trataram de fazer e coser os remendos nas vestimentas. No centro infantil, os mais novos também puseram mãos à obra e colaboraram na elaboração de alguns dos espantalhos. Para uns, foi a oportunidade de "reviver tempos antigos". Para outros, a possibilidade de experimentar uma atividade diferente.

"Os mais velhos lembram-se desta realidade e são experientes na sua confeção. Os mais pequenos desconheciam, de todo, este processo e tiveram a oportunidade de aprender estes factos da nossa memória coletiva", frisa a provedora.

Além do carácter intergeracional, proporcionando "uma experiência diferente" às duas gerações, a iniciativa pretendeu também "não deixar cair no esquecimento" uma tradição do concelho, que celebra o seu feriado municipal no Dia da Espiga. Noutros tempos, essa data era festejada com merendas nos campos, que, nessa época do ano, estavam "cheios" de espantalhos e de cruces embelezadas com os designados ramos bentos, que haviam sido benzidos no Domingo de Ramos. Desta forma, procurava-se afastar a passarada das sementeiras e pedia-se proteção para as colheitas.

Foi essa tradição que a Misericórdia procurou agora recuperar, com a ajuda dos seus utentes e funcionários. "Está a ser muito interessante. Tem vindo muita gente visitar a exposição e tirar fotografias. Há pais que trazem os filhos para lhes mostrar o que é um espantalho", diz Alice Valente, funcionária da instituição, que destaca o envolvimento de "todos" no projeto, nomeadamente, dos utentes.

E é fácil fazer um espantalho? "Para quem sabe, é", graceja a colaboradora, que ainda hoje mantém o hábito de ter bonecos de palha na horta. Mais a sério, reconhece que o mais complicado é "idealizar o boneco" e escolher os materiais necessários. Mas, por vezes, à medida que o boneco vai ganhando forma, surgem novas ideias e o projeto inicial altera-se.

"Quase todos dias, alguma funcionária acrescenta um adereço novo aos espantalhos.



Ou uma mala, ou uma alfaia agrícola ou um chapéu”, desvenda a provedora, que enaltece o “extraordinário” empenho das funcionárias. “A atividade funcionou também como um exercício de motivação interna e de interação e colaboração entre todos”, acrescenta Filomena Valente, vice-provedora, que destaca ainda o envolvimento dos utentes do lar e do centro de convívio na recolha de provérbios que complementam a exposição.

O resultado desse trabalho é cada espantalho estar acompanhado de uma frase popular alusiva. Por exemplo, a acompanhar o ‘espantalho-noivo’ há um provérbio que avisa: “Casa-te e verás: perdes o sono e mal dormirás”. Por seu lado, o boneco com vestimentas de agricultor dá um conselho: “Se queres um bom milheiro, faz o alqueire em janeiro”.

A exposição esteve patente durante todo o mês de maio e terá servido de cenário a um piquenique, com utentes e colaboradores da Misericórdia, que estava previsto para o dia do Feriado Municipal (30 de maio), já depois do fecho da presente edição. “É importante que não deixemos cair as tradições”, defende a provedora Teresa Fernandes.

Espantalhos e coroas de flores são referências a uma tradição secular relacionada com o início da primavera. No norte do país predominam as giestas amarelas que enfeitam as portas de casa. Mais ao sul é costume juntar-se espantalhos às flores (ver coluna ao lado).

Boticas Sensibilizar para cuidados com o sol

As crianças do pré-escolar da Santa Casa da Misericórdia de Boticas tiveram recentemente uma ação de sensibilização sobre os cuidados a ter com o sol. Evitar exposição solar no horário de maior calor (das 11 às 16 horas), utilização de chapéu, óculos e creme de alta proteção e ingestão de água e fruta para manter a hidratação são exemplos de conselhos deixados aos mais pequenos. A iniciativa “Diverte-te ao sol” contou com a parceria da Farmácia Galaico.



Barcelos Caminhada pelas obras de misericórdia

Cerca de 500 pessoas participaram, no dia 19 de maio, na caminhada solidária promovida pela Misericórdia de Barcelos no âmbito das comemorações do seu 519.º aniversário. Aludindo às obras corporais de misericórdia, ao longo de um percurso de cerca de sete quilómetros foram feitas sete paragens, cada uma delas com representação de uma obra de misericórdia através de quadros criados pelas crianças e com leitura associada. O evento assinalou também o Dia Internacional da Família.



Mangualde Visita guiada à Assembleia da República

Um grupo de 40 colaboradores da Santa Casa da Misericórdia de Mangualde esteve recentemente em Lisboa para visitar a Assembleia da República. Segundo nota, o grupo pôde visitar salas emblemáticas do Parlamento, como o Salão Nobre, a Sala das Sessões Parlamentares e Sala do Senado, onde assistiram a um debate que contou com a presença do ministro do Ambiente. “Obrigado aos deputados que nos receberam”, remata a Misericórdia de Mangualde.

Avis Angariação de fundos em feira medieval

A Misericórdia de Avis voltou a participar na Feira Medieval de Avis, que decorreu entre 10 e 12 de maio. Ao longo de três dias, um grupo de voluntários assumiu o stand onde eram servidas bebidas e refeições leves. Segundo nota da Misericórdia, esta participação tem como objetivo a angariação de fundos para apoiar as atividades realizadas ao longo do ano. “Deixamos um enorme agradecimento às pessoas que, de uma forma ou outra, contribuíram para que esta ação se realizasse com sucesso”, termina a nota.

Não deixar cair em desuso este ritual

Tradição O mês de maio começa com a tradição das Maias. O secular costume consiste em enfeitar as janelas e portas de casa com flores e giestas amarelas e fazer bonecos de palha também adornados por estas flores. As Misericórdias não deixam cair em desuso este ritual.

As Maias têm origens que se perdem no tempo. Historicamente o ritual de colocar flores na rua acontece na noite de 30 de abril. Presente em todo o país, a tradição revela aspetos diferentes em cada região, mas com um denominador comum: as Maias floridas e o seu significado.

Este costume é visto como uma saudação à chegada da primavera, como um pedido de fertilidade para o novo ano agrícola, mas há também quem acredite ser uma forma efetiva de proteção e esconjuro à presença do mal. A cair no esquecimento, esta tradição tem-se mantido viva com a ajuda dos idosos das Misericórdias portuguesas que, ano após ano, fazem questão de manter viva a tradição.

A norte do país, o costume é dominado pelo enfeitar das janelas e portas com os ramalhetes de giestas e outras flores amarelas apanhadas no campo. Nas Misericórdias de Albergaria-a-Velha, Estarreja, Paredes de Coura, Vale de Cambra e Vila Verde foram os utentes e colaboradores que deram vida aos ramalhetes e coroas de flores. Primeiro foram até ao campo apanhar as giestas para depois, minuciosamente, entrelaçarem as flores até as coroas estarem concluídas e prontas a sair à rua.

A sul, além de se enfeitarem janelas e portas também é costume juntar-lhes um boneco feito de palha e trapos brancos, que vestidos a rigor e adornados com flores amarelas têm sempre ao lado uma quadra satírica ou gracejos sociais. Foi o que fez a Misericórdia de Ansião (ver texto na página 28).

No Algarve, Faro e Lagos colocaram mãos à obra e deram corpo a bonecos em situações quotidianas variadas. Camponeses, homens a jogar dominó, uma costureira, um casal na praia, outro casal num piquenique no campo e uma noite de fados foram algumas das Maias que decoraram as instalações das duas Misericórdias.

TEXTO **SARA PIRES ALVES**



Protocolo Carclasse - União das Misericórdias

Gama de comerciais ligeiros Mercedes-Benz.
Consulte já as condições.

Em 2019, celebramos 10 anos de protocolo com a União das Misericórdias.
E durante esse período, mantivemos o objectivo de servir da melhor forma as Santas Casas, disponibilizando sempre soluções para a aquisição e manutenção das suas viaturas comerciais ligeiras.

Queremos continuar a contar consigo!

Consulte a Carclasse mais próxima de si.

Peça já a sua proposta
808 200 071

Mercedes-Benz
Vans. Born to Run.



Carclasse

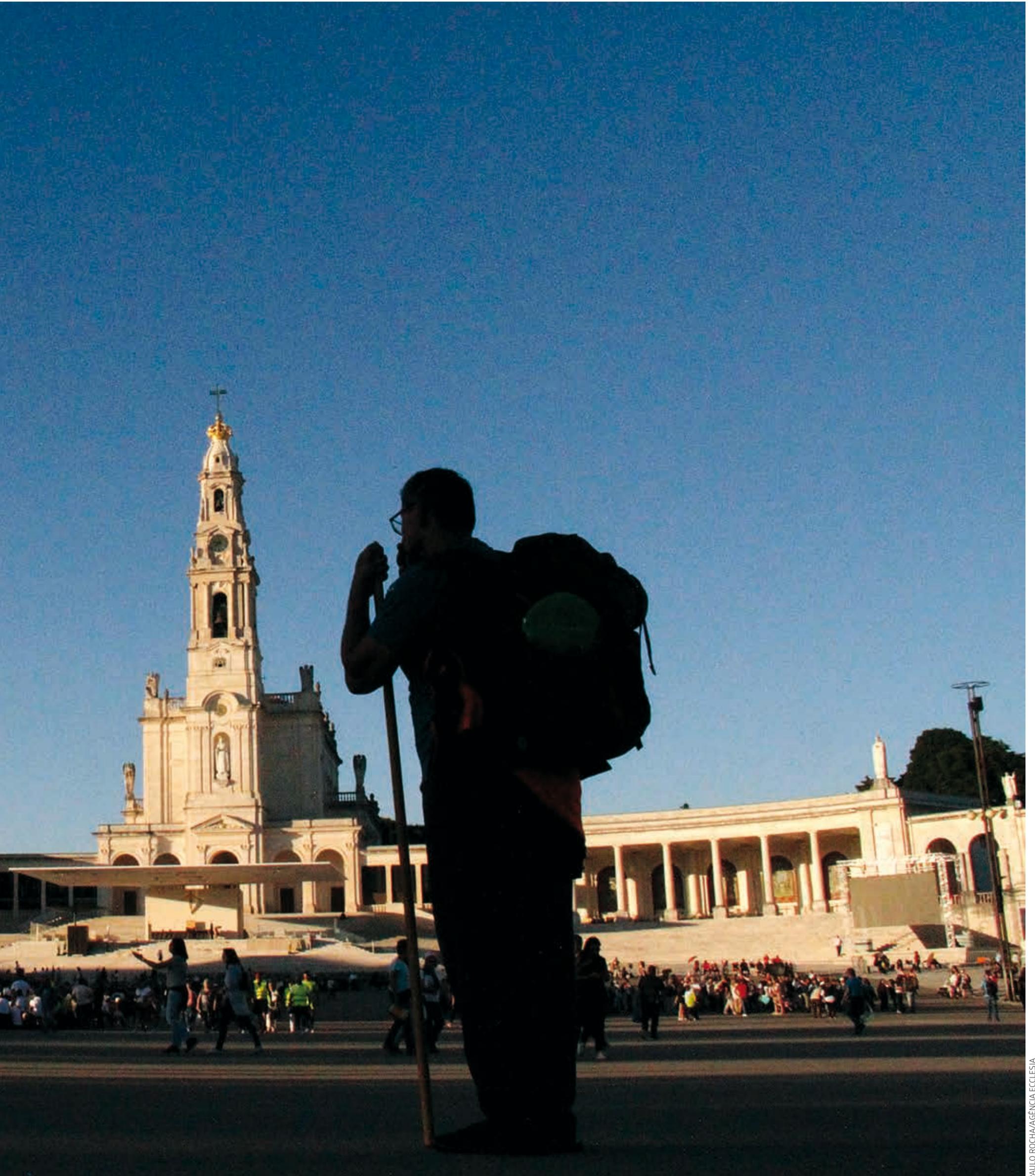
Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa
www.carclasse.pt - info@carclasse.pt

ACOLHER OS PEREGRINOS DA FÉ

Dar pousada O apoio das Misericórdias aos peregrinos do Santuário de Fátima é uma tradição recente que concretiza a sexta obra de misericórdia corporal

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**





DESTAQUE 1

Dar pousada ou abrigo aos peregrinos é uma das sete obras de misericórdia corporais, que inspiram e orientam a ação quotidiana das Santas Casas, em todo o território nacional. O acolhimento do viajante ou estrangeiro, que não tem como e onde se abrigar, está implícito nesta obra de misericórdia, intimamente ligada à ideia de hospitalidade e de dar casa ao outro.

O cumprimento da sexta obra de misericórdia remonta aos primórdios da sua história, seguindo o exemplo de outras confrarias e mosteiros, que apoiavam peregrinos desde a Idade Média. Durante a Idade Moderna, as Misericórdias vão também dedicar-se a hospedar peregrinos e outros viajantes, passando cartas de guia e de cavalgadura, quando necessário.

Nestes documentos, que atestavam a pobreza e necessidade da esmola do viajante, identificava-se o local de partida e de destino, garantindo-se uma assistência em rede, em todo o território nacional. Quando os viajantes

se encontravam doentes e impossibilitados de caminhar, a Misericórdia fornecia ou pagava o transporte a cavalo (carta de cavalgadura). Consoante a região do país, assegurava ainda o transporte de barco, como acontecia em Aveiro, onde a instituição permitia que se deslocassem na barca da Misericórdia.

Évora, Coimbra, Ponte da Barca, Caminha, Arcos de Valdevez e Braga são exemplos de outras Misericórdias que se dedicaram a albergar os que se encontravam em viagem, assegurando-lhes “teto para pernoitar, esteira, água e luz durante alguns dias”, relata Marta Lobo de Araújo, num estudo sobre o tema. Os grupos de forasteiros vindos de outros reinos, viajantes e pessoas a caminho de Santiago ou outros locais de devoção eram acolhidos nos hospitais ou em albergues específicos para peregrinos enquanto não seguiam para o próximo destino.

Recordando o contexto socioeconómico destes movimentos migratórios, o responsável pelo Gabinete de Património Cultural da UMP, Mariano Cabaço, lembra que o “país era desprovido de estradas e estruturas de apoio, e que por isso as pessoas deambulavam pelo território, demorando três a quatro semanas de Lisboa ao Porto”. Nesse contexto, os peregrinos movidos pela fé eram uma minoria nesta rede de apoio organizada que acolhia pobres e caminhantes.

Santiago de Compostela era um dos centros religiosos de maior procura pelos fiéis, motivando maior movimentação e acolhimento nas instituições localizadas nos locais de fronteira com Espanha, na região norte do país (Monção, Valença, Melgaço, Arcos de Valdevez, Braga).

Mais recente é o fenómeno de Fátima, associado às aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos no ano de 1917, que mobiliza hoje milhares de fiéis de todas as idades. O apoio das Misericórdias aos peregrinos que deixam as suas casas rumo ao Santuário da Cova da Iria é uma tradição recente e pontual, circunscrita às localidades junto das principais rotas marianas, que em 2015, segundo dados apurados pelo VM, mobilizava 32 instituições no apoio em dormidas, alimentação, acesso a balneários ou cuidados de saúde.

Em 2016 e 2018, também a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) se associou a esta manifestação pública de fé convidando as 400 associadas a participar numa peregrinação nacional com os colaboradores, irmãos, órgãos sociais, voluntários e utentes. A iniciativa iniciada por ocasião do Ano Extraordinário da Misericórdia reuniu perto de dez mil pessoas, no primeiro ano, e mais de sete mil, no segundo, num momento de partilha e reencontro com os valores e princípios fundacionais das instituições.

Para dar nota do apoio prestado pelas Misericórdias aos peregrinos cujo destino é o Santuário da Cova da Iria, o VM esteve em Ílhavo e Coruche. A celebrar 100 anos em 2019, a Misericórdia de Ílhavo organizou pela primeira vez um posto de apoio a peregrinos enquanto em Coruche a congénere presta apoio regular através de cuidados de saúde, refeições e alojamento.

Albergue recebe grupos de fiéis

Santarém Na semana que antecedeu as celebrações do 13 de maio, em Fátima, a Misericórdia de Santarém recebeu grupos de fiéis num espaço destinado aos peregrinos, apetrechado com beliches, balneário e zona de refeições. O albergue com capacidade para 14 pessoas recebe portugueses, sobretudo em maio e outubro, e pessoas provenientes de outros países ao longo de todo o ano. Santarém integra a rota vermelha dos Caminhos de Fátima, que inicia em Lisboa e tem uma extensão de 121 quilómetros.

Caminhada rumo ao Santuário de Fátima

Amadora Um grupo de peregrinos da Misericórdia da Amadora partiu no dia 10 de maio em direção ao Santuário de Fátima para se juntar a milhares de fiéis nas celebrações do 13 de maio. Nos dias que antecederam a caminhada, o grupo recebeu a bênção numa celebração realizada na Igreja de Nossa Senhora das Misericórdias, na Amadora. Em 2015, o VM testemunhou a fé e espírito de entreatada vivenciado pelo grupo de irmãos, mesários e funcionários de várias respostas sociais, numa reportagem de 13 quilómetros, entre a Azambuja e Cartaxo (rota vermelha).

DAR ABRIGO AOS PEREGRINOS É UMA DAS SETE OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS QUE INSPIRAM E ORIENTAM A AÇÃO QUOTIDIANA DAS SANTAS CASAS

O APOIO DAS MISERICÓRDIAS AOS PEREGRINOS DE FÁTIMA É UMA TRADIÇÃO RECENTE, CIRCUNSCRITA ÀS LOCALIDADES JUNTO DAS PRINCIPAIS ROTAS MARIANAS



‘Trazemos o coração cheio’

Coruche À medida que o 13 de maio se avizinha, as estradas que convergem para o santuário mariano de Fátima assemelham-se cada vez mais a formigueiros humanos arrastados por uma vontade, um destino, ou uma promessa que se cumpre.

Ao longo de todas elas, é constante o fluxo de pequenos grupos familiares, de vizinhos ou de companheiros que a jornada pedestre aproximou e tornou solidários.

Nesta caminhada de fé, ao longo de vários quilómetros, muitos dos grupos encontram conforto e cuidados em instalações das Santas Casas, que abrem as suas portas para lhes dar apoio.

Um desses casos é o da Misericórdia de Coruche, que já há largos anos acolhe peregrinos oriundos do sul do país, com a cedência de um local de pernoita, serviço de refeições e cuidados de saúde.

“São nestes pequenos gestos que vive a verdadeira essência e espírito das Misericórdias, cumprindo uma das suas obras”, conta ao VM Maria Ribeiro da Cunha, provedora da instituição.



Apoio a peregrinos no Conde de Ferreira

Porto A Santa Casa da Misericórdia do Porto instalou um posto de apoio aos peregrinos no Centro Hospitalar Conde de Ferreira para proporcionar serviços de enfermagem, fisioterapia e psicologia, bem como apoio espiritual e alimentação. O apoio aos fiéis rumo ao Santuário de Fátima foi prestado entre os dias 4 e 7 de maio. A Misericórdia do Porto insere-se na rota azul dos caminhos de Fátima, a segunda mais extensa do país, com 271 quilómetros, que tem início em Viana do Castelo.

Acolher peregrinos vindos de Sesimbra

Pernes A Misericórdia de Pernes prestou apoio a um grupo de peregrinos, proveniente da congénere de Sesimbra. A Santa Casa do distrito de Santarém, localizada na reta final da rota vermelha, recebeu um grupo de mais de 30 fiéis, no dia 11 de maio, proporcionando-lhes um almoço no alpendre da Quinta da Torre. Na rota vermelha, que vai de Lisboa a Fátima, as Misericórdias de Vila Franca de Xira, Azambuja, Santarém e Cartaxo estão igualmente habituadas a apoiar grupos de peregrinos.

“O apoio ao peregrino é uma das obras de misericórdia e nós, já há vários anos, que temos esta cultura de ajuda. No início, o acolhimento era feito no lar, depois no antigo hospital, mas, como de ano para ano foram aumentando os grupos, optámos por recebê-los na praça de touros, que é um espaço onde conseguimos, efetivamente, acolher mais grupos, com melhores condições”, explicita.

Na praça existe uma enfermaria onde um grupo de profissionais de saúde trata das bolhas e de outras pequenas mazelas, comuns entre quem caminha a pé.

Nos meses com mais peregrinos “isto mais parece um hospital de campanha”, conta a provedora, sublinhando que tudo é feito de forma voluntária. “Isto dá-nos imensa alegria porque estamos a fazer uma obra de caridade”.

Este acolhimento e apoio aos peregrinos tem a particularidade de envolver os mesários da instituição: são eles que ajudam na confeção das refeições e ajudam a servir o jantar e o pequeno almoço, servido logo pelas seis horas.

Guilhermina Serrão, mesária da Misericórdia de Coruche, integra esta equipa de voluntários de cerca de dez pessoas. “Ao longo destes anos, já os consideramos como uma família. No curto espaço de tempo em que convivemos, partilhamos experiências, interesses, desejos e vivemos o sentimento de sermos cristãos, de dar a mão ao próximo”.

Além das refeições, os peregrinos também podem tomar banho no Pavilhão Gimnodes-

portivo, cedido pela autarquia, conforme refere Luís Nobre, também mesário. Segundo explica, os grupos em peregrinação fazem um contacto prévio com a Santa Casa que, depois, prepara toda a logística necessária ao acolhimento.

“Todos se sentem bem aqui. Há muito passa-a-palavra e, por isso, uma grande procura. Vive-se aqui um clima de alegria genuína. Costumamos brincar muito com eles, pelo facto de estarem numa praça de touros. Dizemos: ficam divididos por sectores e isso facilita-nos o trabalho”, diz, com um sorriso, a provedora.

“É muito importante que as Santas Casas que estejam na rota dos peregrinos apoiem. Primeiro, porque divulgamos a nossa ação. Depois, porque é importante fomentar este espírito de voluntariado e de serviço em prol do outro”, conclui.

Helena Vieira, mesária e voluntária neste apoio, conhece de perto a realidade das peregrinações a Fátima. “Comecei por devoção à Nossa Senhora. Experimentei um ano para ver se conseguia e consegui. Isso deu-me força para me fazer ao caminho em anos seguintes. Nunca fui com promessa, fui sempre com espírito de sacrifício. Todos os anos lá vou porque tenho sempre coisas para agradecer”.

Este ano, foram cerca de 350 peregrinos que utilizaram as instalações da Santa Casa de Coruche, divididos entre os dias 8 e 10 de maio. Um desses grupos, oriundo de Viana do Alentejo, já faz esta caminhada há três anos.

Ana Paula Pão Mole, guia do grupo, conta

que as peregrinações a Fátima começaram em 2017, “em honra das obras do Santuário de Nossa Senhora de Aires”, como forma de agradecimento.

A peregrinação a Fátima é, pois, para Ana Paula “uma festa, um sentimento religioso e um sentimento de ajuda”. Durante a peregrinação há pessoas neste grupo que “querem ir recolhidos no seu pensamento, há outros que querem ir na conversa em conjunto... cada pessoa tem um sentimento muito íntimo”. Porém, existe sempre um espírito de partilha de fé.

Para esta peregrina, a chegada ao santuário é de “uma meta alcançada, com algumas lágrimas à mistura”.

O mesmo sentimento é partilhado por João Reis Mendes, que integra um grupo de Alcácer do Sal. Esta é já a 17ª peregrinação deste grupo que percorre 200 quilómetros anualmente para “uma caminhada que permite sair do dia-a-dia, pensar a fundo na vida: no que foi feito, e no que pode ser feito para melhorar”.

“Quando vimos de Fátima, trazemos o coração cheio para podermos, depois, por em prática uma vivência diferente”, diz João Reis Mendes.

A peregrinação internacional de 2019, que decorreu 102 anos após os acontecimentos da Cova da Iria e dois anos após a visita do Papa Francisco, teve como tema “Dar graças por peregrinar em Igreja”.

TEXTO **FILIPPE MENDES**

DESTAQUE 1



Apoiar os peregrinos tem sido extraordinário

Ílhavo Rostos iluminados pela fé. Caminham há 8 horas quando chegam ao ponto de apoio a peregrinos da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo. O caminho, que é de peregrinação, começou pelas duas da manhã. Hoje, dia 8 de maio, deixaram as suas casas nos concelhos de Ovar e Santa Maria da Feira e seguem rumo a Fátima. Ao todo são 28. Homens e mulheres com idades entre os 30 e os 70 anos. Por fé e pela fé, cumprindo promessas ou, simplesmente, em agradecimento à Nossa Senhora de Fátima pela vida.

Os últimos 30 quilómetros foram percorridos a pé. Uma caminhada feita debaixo de chuva, vento e frio. Passam poucos minutos das 10 da manhã quando são, calorosamente, recebidos pela equipa que está de serviço no apoio a peregrinos da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo.

Localizado nos jardins da unidade de cuidados continuados integrados (UCCI), o

apoio é prestado ao nível físico e emocional. Cumprindo a obra de misericórdia “dar apoio aos peregrinos”, a provedora da Santa Casa de Ílhavo, Margarida São Marcos, conta ao VM que os últimos dias têm sido “extraordinários”. Em ano de centenário, a decisão de levar a cabo, pela primeira vez, este apoio a peregrinos está a superar todas as expectativas.

“Mesmo não sendo um caminho principal de passagem de peregrinos para Fátima, estamos extremamente felizes pelo apoio que temos prestado. Temos toda uma equipa motivada e disponível a colaborar. É muito gratificante ver a interação entre colaboradores das diferentes valências da instituição em prol do outro”.

Amália, Vera e Manuela são todas colaboradoras da Santa Casa e nunca tinham convivido umas com as outras de forma tão intensa. Nos últimos dias puderam conhecer-se e reforçar laços de amizade. “Estamos nas nossas valências, nos nossos trabalhos, e por vezes nem sequer nos cruzamos. Esta decisão, para além de muito importante para os peregrinos, é também muito gratificante para a relação entre colegas da mesma instituição”.

A conversa é interrompida. Os peregrinos que acabam de chegar vêm cansados. É preciso colocar em ação tudo aquilo que está preparado. Há bebidas quentes, pão, fruta, água e bolachas. Mantas estendidas para que se possam deitar. Meias para trocar. Enfermeiros e auxiliares

que, de forma imediata, identificam as queixas apresentadas e aplicam massagens terapêuticas. Tratam-se algumas bolhas e trocam-se conselhos a ter em conta para os próximos quilómetros. O conforto emocional e a palavra de confiança são o denominador comum de todos os diálogos.

Aproveitamos para conhecer um pouco quem acaba de chegar. O cansaço impede longos discursos. José Guimarães, de Santa Maria da Feira, é veterano nestas andanças. Há mais de vinte anos que faz, por ocasião do 13 de maio, esta peregrinação a Fátima. Este ano foi, positivamente surpreendido pelo posto de apoio da Misericórdia de Ílhavo. “Muito, mesmo muito importante. Fundamental era que existissem outros semelhantes ao longo do percurso.”

Este grupo prevê chegar a Fátima três dias depois, no sábado, dia 11 de maio. Em Ílhavo, alguns confessam-nos atravessar dificuldades. Rosa (nome fictício) vem de Avanca. As dores musculares que sente, nesta altura, fazem-na desanimar. “Só conseguirei se a Nossa Senhora fizer um milagre”. Durante alguns anos fez esta peregrinação, mas interrompeu para retomar agora em 2019. Para além do cansaço, pesam as saudades. “As saudades da família são difíceis de ultrapassar ao longo do percurso, mas o telemóvel é aqui um aliado de peso. Esta paragem na Santa Casa foi uma maravilha”, revela antes de recomeçar.

Para apoiar esta “Rosa” e tantas outras, há quem faça a peregrinação, não apenas para cumprimento de promessas, mas como voluntário. Fernando e José fazem o caminho de Fátima há mais de uma década. Numa fase inicial para cumprir promessa, agora mais para agradecer e para ajudar. “Como voluntários e com a experiência que já adquirimos, conseguimos ajudar peregrinos que apresentam maiores dificuldades”.

Estes peregrinos realçam que a parte psicológica é mais importante que a física. “Por mais debilitados que possam ir, se a mente ajudar o objetivo será alcançado”. Ao longo deste tempo só por uma vez não conseguiram convencer um peregrino a seguir em frente.

O enfermeiro Leandro Oliveira é da mesma opinião. Apesar de também trabalhar na Cruz Vermelha esta é a primeira vez que está a prestar apoio a peregrinos. “A tarefa é muito enriquecedora. Aqui, além de minimizarmos o sacrifício físico, curando bolhas e massajando pernas, temos um contributo importante na vertente psicológica. Temos sempre uma palavra de conforto e de ânimo que assume grande relevância, incentivando aqueles que estão mais desanimados”.

O apoio aos peregrinos foi prestado pela Misericórdia de Ílhavo até às 18 horas. No próximo ano a ideia pode passar por alargar o horário. **VM**



Innovative solutions for high performance
cleaning and **healthcare** supplies.



INDV GRUPO

T. 252 218 812

F. 252 230 005

E. geral@inovgrupo.com

M. Rua António Joaquim Campos Monteiro, 700
4780-165 Santo Tirso



alimentamos gerações

Conte connosco. Sempre.

Através de parcerias diversas, o ITAU disponibiliza toda a capacidade técnica, ferramentas e a mais-valia dos seus colaboradores para cuidar da alimentação, saúde e bem-estar dos seus utentes, pacientes e visitantes.



www.itau.pt

Instituto Técnico de Alimentação Humana, S.A

PATRIMÓNIO CULTURAL

Azulejos de volta a Grândola

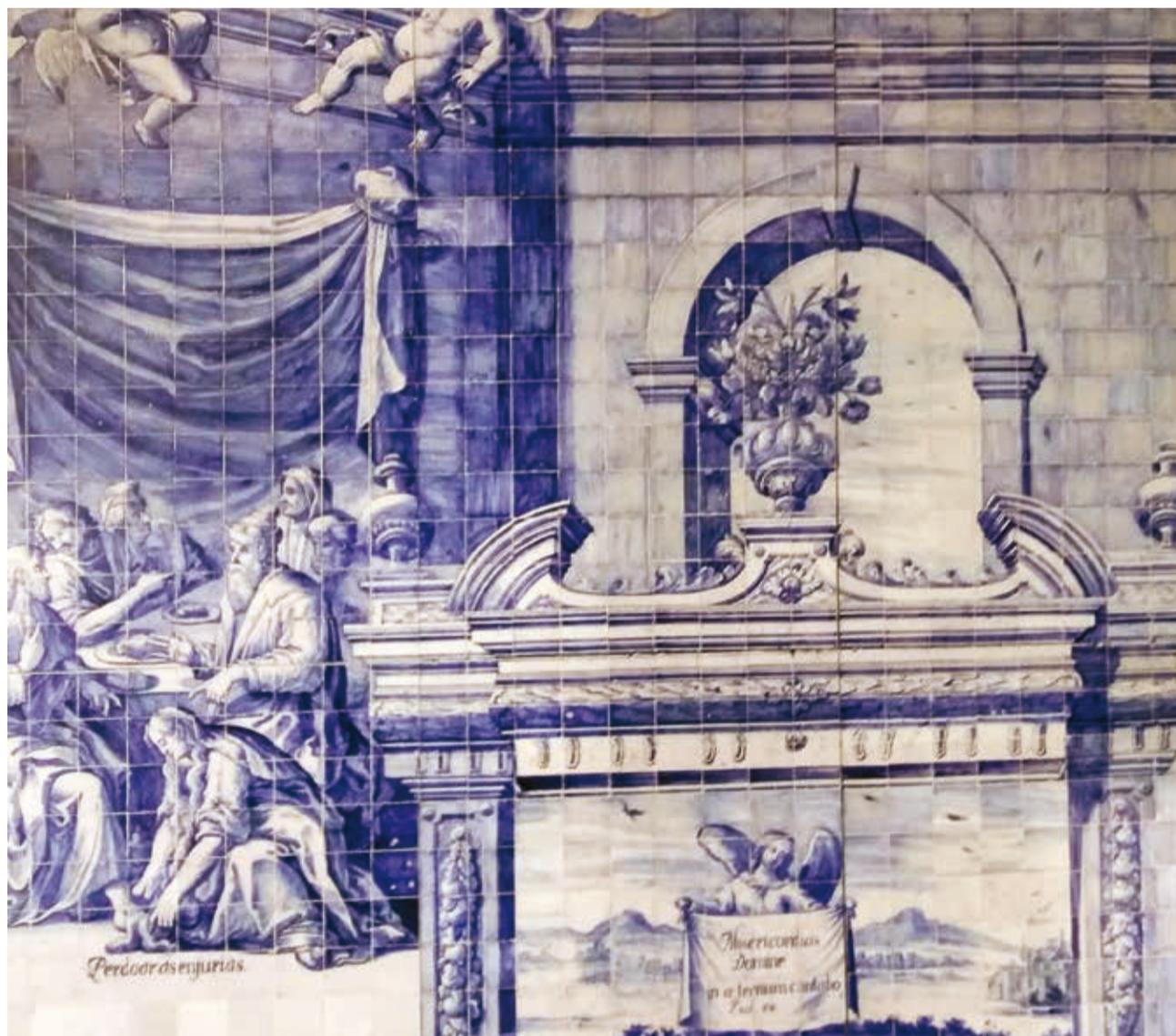
Centro de convívio premiado

No dia 27 de maio, a Misericórdia de Grândola recebeu a notícia de que o projeto do seu centro de convívio, assinado pelo arquiteto Manuel Aires Mateus, ganhou um prémio europeu onde participaram projetos de 57 países. A obra orgulha toda instituição, afirmou emocionado o provedor Horácio Pereira.

Recuperar o espólio alienado

Em declarações do VM, o provedor contou que o objetivo da Misericórdia de Grândola é adquirir todo o espólio que era sua propriedade. Além dos azulejos está também prevista a compra de uma imagem e de um crucifixo, mas muitas das coisas perderam-se e não podem ser recuperadas, lamentou Horácio Pereira.

Com um brilho nos olhos, o provedor diz que os azulejos ainda estão em Lisboa, mas vão regressar rapidamente a Grândola



Grândola Fomos até Grândola, em pleno Litoral Alentejano, para conhecer os dois painéis de azulejaria barroca denominados de “Jesus em Casa de Simão” e “Pecadora Lava os pés a Jesus”, comprados no ano passado pela Santa Casa da Misericórdia, depois de os ter vendido a um privado em 1919.

Chegámos à vila de Grândola, vila morena e terra da fraternidade, como cantou Zeca Afonso nos anos 70 e estacionámos junto ao Jardim 1.º de Maio, que está a ser requalificado e que presta homenagem aos trabalhadores alentejanos. Fomos recebidos pelo tesoureiro da Misericórdia, que nos mostrou com

orgulho as amplas instalações e os espaços ao ar livre, onde alguns dos utentes aproveitam a sombra das árvores para colocar a conversa em dia, porque a temperatura ao sol ultrapassa os 30 graus. Fomos encaminhados para o salão social onde o provedor, Horácio Pereira, nos recebeu com o livro de atas na mão para nos mostrar como foi em 1918 a venda dos azulejos a um privado, tudo ficou escrito em ata. Com alguma mágoa no rosto, explicou que muitos objetos desapareceram da instituição, o pouco que resta está colocado numa pequena sala que chama de “pequeno museu” que é

Azulejaria barroca Os dois painéis recuperados pela Misericórdia de Grândola são do pintor Policarpo de Oliveira Bernardes (Lisboa, 1665-1778)

composto por livros de atas e pequenos objetos, alguns da própria instituição e outros que alguns utentes trazem de casa. Depois de nos explicar um pouco da história desta instituição que no ano passado comemorou 450 anos, sentámo-nos no Salão Nobre, espaço amplo e confortável, com uma

arquitetura moderna da autoria de Manuel Aires Mateus, uma obra que é muito importante para a instituição.

O espaço, onde os idosos realizam várias atividades, tem sido um foco de atração de arquitetos de todo o mundo, num ano já passaram pelo local mais de três centenas de visitantes, explicou o provedor orgulhoso da obra que primeiro foi criticada, mas depois acabou por ser elogiada. Estes visitantes, na maior parte estrangeiros, têm curiosidade de conhecer no local as linhas desta arquitetura moderna e muito funcional, com grande aproveitamento da

luz exterior.

Mas o nosso objetivo era conhecer a história dos painéis de azulejos que foram recuperados. Horácio Pereira, folheando o livro de atas foi explicando que em 1919, quem geria a Misericórdia decidiu vender todo o património que tinha, incluindo uma igreja que hoje é sede de uma banda de música e os três painéis de azulejos.

Em 2018, dois dos painéis foram colocados à venda num antiquário em Lisboa, e alertada por um cidadão grandolense, a Misericórdia fez um grande esforço financeiro e conseguiu adquirir de novo este património.

Com um brilho nos olhos, o provedor diz que os azulejos ainda estão em Lisboa, mas vão regressar rapidamente a Grândola onde já tem um local especial para ser colocados. O arquiteto Manuel Aires Mateus neste momento já está a elaborar o projeto para uma capela que vai ser construída à medida para colocar os azulejos. São dois painéis de azulejaria barroca, com a dimensão 3,64 metros de altura por 3,68 metros de largura do pintor Policarpo de Oliveira Bernardes (Lisboa, 1665-1778), que pertenceram à extinta igreja da Misericórdia de Grândola e que foram vendidos há cerca de cem anos.

A terminar a nossa visita, fomos convidados a conhecer a instituição que conta com cerca de 200 utentes, no lar e no centro de dia. O objetivo é que todas as pessoas tenham aqui a melhor qualidade de vida possível, quatro dos utentes já ultrapassaram os 100 anos, o que deixa muito orgulhoso do trabalho realizado e que é reconhecido por todos.

TEXTO **JOAQUIM BERNARDO**

Distrito de Setúbal | Património por Misericórdia

	Património Imóvel	Património Móvel	Património Arquivístico	Património Imaterial	Museu/Núcleo Museológico
Alcácer do Sal					
Alcochete					
Alhos Vedros					
Almada					
Azeitão					
Barreiro					
Canha					
Grândola					
Montijo					
Palmela					
Santiago do Cacém					
Seixal					
Setúbal					
Sesimbra					
Sines					
Torrão					

Dados validados pelas Misericórdias, sujeitos a atualização

Almada

No arquivo da Misericórdia de Almada encontram-se documentos anteriores à data de fundação da irmandade em mais de um século.

Canha

A Santa Casa de Canha procura manter vivas diversas manifestações de património imaterial de carácter religioso, popular e gastronómico.

Montijo

No complexo arquitetónico da Misericórdia do Montijo encontra-se um núcleo museológico onde se exibem imagens, bandeiras reais e da Paixão e, entre outras peças.

Alcochete

A mais antiga bandeira real das Misericórdias portuguesas pode ser admirada na igreja da Santa Casa de Alcochete, onde funciona um núcleo museológico cuja gestão é do município.

Totais

15

Misericórdias com património imóvel

15

Misericórdias com património móvel

16

Misericórdias com património arquivístico

12

Misericórdias com património imaterial

3

Misericórdias com museu ou núcleo museológico

9

Misericórdias com galeria de retratos

SOLIDÁRIOS CONSIGO DESDE DE 1995

DEIXE A INFORMÁTICA CONNOSCO. AS PESSOAS PRECISAM DE SI.



- CONTABILIDADE ESNL
- IMOBILIZADO ESNL
- MÓDULO ORÇAMENTOS
- LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS NA CONTABILIDADE
- UNIDADES DE SAÚDE
- GESTÃO DE IMÓVEIS
- ORDENADOS
- UTENTES IPSS
- UTENTES CT (CERTIFICADOS AT)
- PROCESSOS CLÍNICOS UCC (ACORDO UMP)
- PROCESSOS CLÍNICOS MÓVEL
- CONTROLO DE PRESENCAS
- ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS
- ACC - ATESTADO CARTA DE CONDUÇÃO
- SISTEMA INTEGRADO DE TESOURARIA
 - TSR - Utentes
 - TSR - Bancos
 - TSR - Associados
 - TSR - Rendas
 - TSR - Caixas e Pagamentos a Fornecedores
- PRESCRIÇÃO ELECTRÓNICA E MEIOS COMPLEMENTARES DE DIAGNÓSTICO (CERTIFICADO SPMS) RECEITAS SEM PAPEL

entre outras



ASSISTÊNCIA REMOTA
Via internet



ASSISTÊNCIA TELEFÓNICA
Gratuita



INSTALAÇÃO E FORMAÇÃO
Nas vossas instalações

SOFTWARE MISERICÓRDIAS

SECTOR ECONOMIA SOCIAL

+ DE 40 APLICAÇÕES

+ DE 900 CLIENTES

100% CLIENTES SATISFEITOS

GRÁTIS DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO

MORADA
Rua dos Cutileiros, 2556 - r/c
Apartado 1071 EC Lameiras
4836-908 Guimarães

TELEFONE (351) 253 408 326
TELEMÓVEL (351) 939 729 729

ENCONTRE-NOS EM
www.tsr.pt

tsr@tsr.pt



Museus em diálogo com as comunidades

Mais de uma dezena de Misericórdias assinalou o Dia Internacional dos Museus com iniciativas vocacionadas para diferentes públicos

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Museus Mais de uma dezena de Misericórdias assinalou o Dia Internacional dos Museus com iniciativas vocacionadas para diferentes públicos, que incluíram visitas temáticas, exposições, ateliês didáticos e partilha de memórias, dentro e fora de portas. A efeméride criada pelo ICOM – Conselho Internacional dos Museus, em 1977, voltou a inspirar os museus, num total de 660 espaços de 56 concelhos, a reinventar-se e dialogar com novos públicos, tendo subjacente as suas principais missões: colecionar, conservar, comunicar, investigar, expor.

Em 2019, a reflexão lançada aos museus centrou-se no seu papel para o desenvolvimento da sociedade em todo mundo, enquanto plataformas interativas orientadas para a comunidade de que, segundo nota do ICOM, têm o poder de “estabelecer o diálogo entre culturas, construir pontes para um mundo pacífico e definir um futuro sustentável”.

Os espaços museológicos de várias Misericórdias prepararam uma jornada especial para assinalar o Dia Internacional dos Museus, a 18 de maio, com horário alargado (Porto), num circuito interligado com outros museus da cidade (Coimbra, Porto). Além de ter as portas abertas até às 22 horas, o MMIPO – Museu e Igreja da Misericórdia do Porto mostrou aos visitantes as mais recentes aquisições, da autoria de Domingos Sequeira (1768-1837), e as “icónicas máquinas de escrever da Olivetti, que fazem parte do imaginário de várias gerações”.

A congénere coimbrã inaugurou uma exposição com espólio documental e promoveu visitas guiadas aos espaços do complexo monástico-escolar do Colégio da Sapiência enquanto em Lamego abriu ao público uma exposição sobre os “artistas e mecenas que

deixaram a sua marca em diversas campanhas de decoração”, ao longo de 500 anos de história (1519-2019).

A parceria entre instituições vizinhas permitiu ainda que os utentes das respostas sociais de terceira idade conhecessem os equipamentos culturais da cidade ou localidades próximas. Assim foi em Góis, a convite do município, em Vale de Cambra, com uma visita à Casa do Mel e Museu do Caramulo, e em Póvoa de Lanhoso, numa visita orientada pelo historiador José Ablílio Coelho ao Museu da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários. No Fundão, um grupo de utentes do Lar Nossa Senhora de Fátima deslocou-se à Covilhã para admirar a exposição de obra gravada e cerâmica “A Essência da Cor”, do pintor Manuel Cargaleiro.

Potenciar a ligação entre os diferentes espaços patrimoniais da cidade foi também o mote da exposição “Re-Visitação”, em Torres Novas, que envolveu o município, Santa Casa e paróquias numa reavaliação de temas sagrados, a partir da experiência do artista Luís Rodrigues.

A interatividade com o público sénior marcou as iniciativas desenvolvidas em Avis e Belmonte. Na primeira, a data foi pretexto para um serão de contos no Museu do Campo Alentejo, que visou a transmissão de histórias, lendas e adivinhas de outros tempos e contou com a colaboração ativa de seis utentes da Misericórdia. A congénere beirã foi convidada a levar os utentes da estrutura residencial D. Maria José Soares Mendes e de apoio domiciliário ao Museu do Brinquedo, em Seia, para participar num ateliê de construção de brinquedos.

O Dia Internacional dos Museus foi também assinalado nos Açores, onde a Misericórdia de Divino Espírito Santo da Maia convidou todos aqueles que passaram pelo Museu do Tabaco a tomar um chá e partilhar memórias, no âmbito da atividade “Um chá de loucos pelo património”.

Neste dia de festa, a direção do ICOM Portugal saudou todos os profissionais que mais uma vez se associaram a esta iniciativa para “mostrar a vitalidade da vida dos museus e o seu valor para as práticas culturais nas comunidades”.



Dia Internacional dos Museus Várias Misericórdias prepararam uma jornada especial para assinalar a data

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO/EDITOR E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151
Lisboa

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

FUNDADOR:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Paulo Lemos

COLABORADORES:
Ana Cargaleiro de Freitas
Filipe Mendes
Joaquim Bernardo
Maria Anabela Silva
Paula Brito
Sara Pires Alves
Vanessa Reitor
Vera Campos
Vitalino José Santos

ASSINANTES:
jornal@ump.pt
TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
8.000 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

ASSINATURA ANUAL:
Normal - €10
Benemérita - €20
IMPRESSÃO:
Diário do Minho

Rua de S. Brás, 1 – Gualtar
4710-073 Braga
TEL.: 253 303 170

VER ESTATUTO EDITORIAL:
www.ump.pt/Home/comunicacao/estatuto-editorial/